



*Márcia  
Rejaine Piotto*



LONDRINA EM ESSÊNCIA

*encontros, encantos e memórias*

Márcia Rejaine Piotto

LONDRINA EM ESSÊNCIA  
encontros, encantos e memórias



2022



*Enedina Oliveira De Pizzol (in memoriam) e Irene de Oliveira Bovolín com faixa na cabeça e colegas, Lago Igapó. Acervo familiar, década de 1960*

## **LONDRINA ENCONTROS E ENCANTOS!**

Sua tenra idade deslumbra, enfeitiça.  
Sua jovialidade é abrilhantada ao despertar do dia.  
Sob os raios elegantes, doura seus lagos, seus campos...  
Beija com requinte seus ilustres habitantes!

Londrina, é obsessão, volúpia e paixão!  
Por essa paixão, aportei-me aqui,  
Acolhida fui por seus braços abertos.  
Sou privilegiada, sou filha desse Lar,  
Sou iluminada, sou Londrina!

Londrina que canta e encanta, é sublime e singela!  
De beleza que seduz e conduz, é serena e suprema!

Sou um velho livreto do livro Londrina!

Meu gargalhar ressoa seu canto!  
Meu olhar vê seu esplendor!  
Meu ser exprime sua confiança!  
Meus ouvidos ouvem seus suspiros!  
Te vejo! Te sinto! Te ouço!

Sinto seu orvalho!

Sou rocha!  
Sou planta!  
Sou mulher!  
Sou garça-branca!  
Sou Londrina!

De braços abertos, afaga e acaricia!  
Sua meiguice harmônica adentra minh'alma,  
Fortalece meu âmago!

Sua inquietude...  
Seu equilíbrio...

Londrina que veste pele branca, preta, parda, indígena e amarela.  
Exala vida, esperança, tão formosa quanto generosa!

É Norte! De justiça dominante,  
Das derrubadas, sem matas!  
Norteia! Continua fascinante!

Sou um velho livreto do livro Londrina!

Menina amiga, irmã!  
Sou essência!  
Sou Londrina!

Márcia Rejaine Piotto – 2017

**Revisão Textual**  
**Virgínia Ayres**

**Capa**  
**Marina dos Santos Galli**

**Diagramação**  
**Marina dos Santos Galli**



Catálogo:

Biblioteca e Documentação. Museu Histórico de Londrina. Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P622L Piotto, Márcia Rejaine

Londrina em essência : encontros, encantos e memórias / Márcia Rejaine Piotto ;  
Projeto gráfico e diagramação, Marina dos Santos Galli. – Londrina : Museu  
Histórico de Londrina, 2022.

E-book (135 p.) : il. ; 50,4 MB

ISBN 978-65-89024-11-8

1. Londrina – Pr – História. 2. Memória. I. Oliveira, Benedita Antunes de.  
II. Oliveira, José Cândido de. III. Arruda, Sebastiana Aquino de Oliveira. IV. Silva,  
Evany de Souza. V. Hernades, Mathilde Evangelista. VI. Hernandez, Antônio  
Rabello. VII. Geraldino Alzira Bueno da Silva. VIII. Silva, Sérgio da. IX. Fonseca,  
Antônio Ribeiro da Fonseca. X. Fonseca, Cleuza Maria Pieri. XI. T.

CDU 981.622

Rosangela Ricieri Haddad CRB9-865

Copyright © Autores da obra

Todos os direitos garantidos. Quaisquer partes desta obra podem ser reproduzidas ou arquivadas  
mediante consideração dos direitos da autora; venda expressamente proibida.

*“A relação do sujeito com a cidade é intrínseca. A cidade constitui-se na própria essência de seus cidadãos. As glórias e derrotas estão nas entranhas da cidade, ela constitui-se das entranhas de memórias de seus habitantes.”*

*Márcia Rejaine Piotto – 2021*

**DEDICATÓRIA**

Aos meus filhos Jivago Augusto, Júlia Kaname e Nicolas Yuji,  
pois a cada amanhecer me sinto feliz por viver junto a eles no amor.

Àqueles que, formal e informalmente, colaboram na educação de seus semelhantes.

À cidade de Londrina e seus fazedores de Histórias aqui não contemplados.

# SUMÁRIO

**BENEDITA ANTUNES DE OLIVEIRA  
JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA**



12

**SEBASTIANA AQUINO DE  
OLIVEIRA ARRUDA**



33

**EVANY DE SOUZA SILVA**



60

**MATHILDE EVANGELISTA HERNANDES  
ANTÔNIO RABELLO HERNANDES**



72

**ALZIRA BUENO DA SILVA  
GERALDINO SÉRGIO DA SILVA**



89

**ANTÔNIO RIBEIRO DA FONSECA  
CLEUZA MARIA PIERI FONSECA**



97



## **AGRADECIMENTOS**

Aos entrevistados que produziram conhecimentos a somar aos já existentes, através das memórias de suas vidas, sendo as mesmas, resgates de fatos relevantes, lugares jamais esquecidos, pessoas singulares da cidade de Londrina, e Tânia Roberta Piotto.

# APRESENTAÇÃO

Sinto-me honrada em apresentar as memórias de diferentes famílias e culturas neste *e-book*. Essas famílias deixam importantes contribuições históricas para o patrimônio cultural da cidade de Londrina. De forma explícita ou implícita esses cidadãos expõem os seus valores às suas referências culturais, tanto bens culturais materiais quanto bens culturais imateriais.

Através de nossos encontros criamos laços de cumplicidades sociais e de confiança, também rememorei fatos de minha vida, boas lembranças! Logo, ouvir relatos de histórias de vidas e transcrevê-los é um processo de construção fascinante, por isso, prazerosamente, compartilho.

Elaborar este exemplar como espaço de memórias, trazer à vida o que já vivenciaram, registrar as memórias vinculadas às personalidades desses antigos moradores, tornar suas vidas públicas para um público tão especial quanto você, leitor e leitora, é uma grande satisfação. Desse modo, transportá-lo ao passado, para que sejam percebidas as mudanças e transformações que a cidade e a sociedade sofreram nas últimas décadas. Meu desejo é contribuir um pouco para o seu conhecimento sobre a História de Londrina.

O resgate de experiências vividas através das entrevistas, se deu em seus recintos particulares ou mesmo em estabelecimento de trabalho, onde fui recebida com amabilidade e entusiasmo pelos entrevistados. Rememorar o passado, as lembranças quase esquecidas, foi muito significativo a todos eles. Nos “discursos” aconteceram momentos regados a emoções, descontrações e muitas informações reveladoras.

Famílias que migraram de outros estados para iniciarem uma nova vida repleta de esperanças, tanto na área urbana quanto na rural. Os transportes utilizados para a vinda ao norte do Paraná – trens e caminhões – tiveram destaque.

Neste cenário, algumas famílias adquiriram terras, se tornaram grandes ou pequenos proprietários, outros foram trabalhar nas fazendas, sítios, prestando serviços a empregadores rurais. Contudo, havia profissionais liberais, operários, também o comércio esteve presente para os empreendedores, famílias que almejavam um futuro melhor.

Apesar de Londrina ser “*jovem*” e uma cidade interiorana, momentos de lazer para a comunidade eram variados. Havia cinemas, clubes, bares, faziam piqueniques, quermesses, entre outros. Tanto os adultos quanto as crianças se beneficiavam de diversões.

Entretanto, deve-se ressaltar como era formada a paisagem naquela época, na qual ainda havia uma diversidade de animais, devido a resquícios de florestas, apesar da impressionante rapidez com que foi desmatada a região norte do Paraná. Também os rios com suas águas cristalinas repletas de peixes.

Ao longo de décadas, muitos profissionais contribuíram em vários projetos na construção da cidade de Londrina, para atender e acolher melhor os londrinenses, como lavradores, pedreiros, engenheiros, professores, médicos, comerciantes, entre tantos outros profissionais. Construíram prédios, casas, igrejas, estradas etc.

Pessoas formidáveis que desembarcaram na infância em Londrina, ou mesmo nasceram aqui há muitas décadas, trazem consigo suas memórias atreladas a eventos sociais, tanto nacionais quanto internacionais. As várias festas religiosas, devido à diversidade cultural aqui existente, os acontecimentos particulares ou públicos, as situações inusitadas, o desenvolvimento e crescimento da cidade. Assim, paulatinamente, foi-se colonizando este pedaço do norte do Paraná, a cidade de Londrina.

Objetivando a preservação das memórias de antigos moradores, os entrevistados “*buscaram*” suas lembranças, recordações de acontecimentos sobre suas próprias vidas, trazendo à tona fatos históricos da cidade de Londrina.

Ao longo do tempo, essas pessoas valorosas labutaram nestas terras, fixaram suas residências para constituírem famílias, ressaltando que, décadas atrás, Londrina já era um lugar em pleno desenvolvimento, entretanto não havia o conforto como nos dias atuais. Para muitos londrinenses a vida era acometida de sofrimentos, também inseguranças, em virtude da sua precariedade.

Neste sentido, a perseverança dessas pessoas esteve presente diante de obstáculos surgidos no decorrer de suas vidas. Nesta perspectiva, compartilharam fragmentos de acontecimentos e fatos da cidade de Londrina.

Além de seus relatos, disponibilizaram materiais pessoais, como fotografias históricas apresentando marcos importantes de estabelecimentos e de paisagens londrinenses, complementando e acrescentando o acervo do patrimônio cultural com toda sua beleza extraordinária, com suas particularidades familiares e afetivas, para que todas as gerações contemplem e se apropriem destes conhecimentos.

# BENEDITA ANTUNES DE OLIVEIRA JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA



*Benedita Antunes de Oliveira, aos 16 anos (03/09/1939) –  
José Cândido de Oliveira, aos 18 anos (19/02/1936). Acervo familiar*

José Cândido de Oliveira é conhecido como Zeca. Em seus 86 anos relata fatos sobre sua vida em Londrina. Nascido em Guarará, Minas Gerais, veio para Londrina aos 6 anos de idade. Vieram quatro ou cinco famílias, três eram de sobrenome Cazarim, seu avô, seu tio Chico, irmão do avô, e tio José Cazarim. Muito receptivo, e saudosamente, José conta que todos vieram de trem.

José relata que seu avô comprou um sítio, onde atualmente é a chácara dos Maristas. Seu pai arrendou um sítio dois quilômetros abaixo do sítio de seu avô. Então, a sua família foi morar nesse sítio. Todos eram criancinhas, a sua irmã mais velha tinha 12 anos.

Nesse sítio, seus pais construíram uma pequena casa com cinco cômodos. José recorda-se dos detalhes de sua casa e expõe que a casa foi construída com tábuas estreitas deitadas na horizontal, coberta com sapê. Se estabeleceram durante 4 anos nesse sítio.

Sua família fez plantações de milho, arroz e feijão. A mina d'água nascia a trinta metros abaixo de sua casa, dessa forma, a água para consumo vinha da nascente. Havia uma bica, uns dez metros de bica d'água que escorria através de um tronco de palmeira, assim, a água caía numa tina, onde também tinha uma prancha para lavar as roupas. José recorda-se que eles se banhavam nessa água da nascente. A roupa lavada se estendia sobre a grama, para que a secagem fosse realizada pelo sol. Segundo José, foi assim durante algum tempo.

De acordo com José, os alimentos eram em abundância, havia verduras, como couve, almeirão, também polenta e mamão. Depois de um tempo sua família iniciou a criação de galinhas, por este fato tinham ovos em fartura.

Nesse sítio foi construído um pasto. Um rapaz de nome Miguel, vindo de Minas Gerais, também trabalhava na roça com eles.

José, emocionado, comenta sobre sua irmã mais velha varrer o quintal com galhos de alecrim.

Quando ele tinha 8 anos e seu irmão Luís 10 anos, pegavam um varal de frangos, com três frangos de cada lado, colocavam nos ombros e seu pai carregava a cesta de ovos, então se dirigiam a Londrina para realizar as vendas. Os ovos vendiam na *Padaria Londrina*, uma das primeiras padarias da cidade. Os frangos vendiam em *hotéis, pensões e no Clube dos Alemães*, os quais eram seus melhores fregueses.

Para estudar caminhavam seis quilômetros a pé, todos os dias, saíam de casa antes das sete horas. Estudavam no "*Terceiro Grupo Escolar Osvaldo Aranha*", na Rua Mato Grosso, entravam às 8h e saíam às 11 horas.

À noite, para clarear a casa, se utilizavam de lamparina, dessa forma, estudava-se durante o dia.

Eles caminhavam na Estrada da Viação, ou Estrada do Palhano, atualmente é a Madre Leônia Milito, pois essa estrada passava próximo à Serra do Palhano e um pouco acima na Viação, onde hoje é o Centro de Eventos de Londrina.

Nas estradas, em dias ensolarados, devido ao tráfego, também, mesmo que pouco, pois havia poucos veículos, um caminhãozinho, uma charanga, a poeira acumulava vários centímetros. Quando as pessoas pisavam nela, afundavam o pé, parecia uma farinha de trigo e quando na estrada passava um veículo, eles corriam, subiam os barrancos e se escondiam atrás dos pés de café. Escutava-se a poeira caindo parecendo sereno sobre os pés de café.

José recorda-se do percurso que realizavam. Passavam onde atualmente é a Igreja São Vicente de Paula, o Asilo São Vicente, desciam onde é o Rio Cambezinho. O rio tinha apenas três metros de largura, a ponte era pequena, passava-se apenas um veículo por vez.

Para a escola, eles se utilizavam de dois embornais, um para os materiais escolares e o outro para o guarda-pó e o tênis, às vezes levavam algum lanche.

José relata que naquele rio lavavam os seus pés, enxugavam e calçavam seus tênis. Havia um curtume do outro lado da ponte. Depois, eles continuavam pela Avenida Higienópolis. Onde atualmente é a Rádio Paiquerê era uma rua íngreme, então, as carroças que levavam os mantimentos necessitavam de ajuda para a subida, mesmo sendo puxada por três animais, devido ao peso das sacas de café e de milho. As pessoas ajudavam a empurrá-las.

Segundo José, o sítio que eles moravam pertencia ao senhor Ernesto Vacário, conhecido como

Mococa, apelido dado por ter vindo da cidade de Mococa. O sítio era grande, dessa forma, arrendou os fundos do sítio para o pai de José.

Conforme depoimento, já havia a Catedral, a qual a família de José frequentava todos os domingos.

Numa certa época, próximo ao Igapó viviam uns alemães que criavam porcos, de vez em quando esses alemães doavam porcos para a família de José, inclusive eles criavam na mamadeira e depois vendiam.

Depois de quatro anos, se mudaram para onde atualmente se localiza o *Shopping Com-Tour*, havia o sítio do Senhor Ricardo Fávaro. Toda a família trabalhava na roça, na lavoura do café, a renda era através de porcentagem, porém continuaram a estudar, no entanto em outro colégio, Colégio Estadual Hugo Simas. Na época da colheita do café eles não retornavam para casa depois das aulas, eles se dirigiam para a lavoura, para a colheita do café, sua mãe levava o almoço a todos eles. Embora o trabalho fosse constante na época da colheita do café, ao chegarem em casa estudavam, faziam as tarefas.

Depois se mudaram para a Vila Brasil, José recorda-se, pois tinha 11 anos. Seu irmão mais velho começou a trabalhar numa oficina de carroça, outro irmão no Banco Comercial do Paraná e sua irmã no Cartório de Registro Civil, só havia esse cartório em Londrina. Ele trabalhou alguns meses de contínuo num Banco, depois na oficina de carroça com seu irmão. Seu irmão era responsável pela parte de madeira e ele ajudante dos proprietários, Teodoro e sua esposa, na parte de ferragens. Depois trabalhou na Ford, durante três anos, de ajudante. Por convite de um irmão da proprietária, ao qual ele era ajudante na oficina de carroça, foi trabalhar na oficina de funilaria dele, tornando-se profissional na área.

Para diversão, naquela época havia uma piscina onde muitos londrinenses frequentavam. Essa piscina localizava-se no Sítio do Ernesto Vacário, o Mococa, que ficou conhecida como piscina do Pica-pau Amarelo.

José relata que, aos sábados e domingos, quando criança, junto aos colegas, tomavam banho num rio próximo e caçavam passarinhos com estilingue na Fazenda Palhano. Quando aparecia alguém eles corriam e se escondiam. José ressalta que para se chegar a essa fazenda passavam por quatro sítios de quatro *“japoneses”*, Antônio Fujihara, Kitanishi, Sawasaki e João Fernandes.

José traz à memória outras lembranças. Onde se localiza o Lago Igapó, o local era apenas um riozinho e pasto, inclusive eles pescavam lá. Também onde atualmente está a Concha Acústica, espaço que é considerado como um dos símbolos da cidade, foi a terceira rodoviária, na Praça Primeiro de Maio. Ele se recorda que na Concha Acústica havia comício de políticos, apresentações de teatros, bandas de música e também de igrejas.

*“Era bonito de se ver!”*

As famílias frequentavam, as crianças tiravam fotos! Infelizmente, atualmente é bem diferente de antigamente! Entre a Avenida São Paulo e a Professor João Cândido havia uma feira-livre.

Naquela época, de acordo com José, os locais para lazer eram: diversão na Vila Brasil, ir à missa, participar de quermesses, passear de bicicleta, jogar bola e fazer piquenique. Lotavam um caminhão de moças, moços e crianças, e se dirigiam à Usina Três Bocas. Também realizavam bailes em suas casas com sanfoneiro, muita música, e a dança do lenço, por volta das 22 horas a festa acabava.

Segundo José, havia dois cinemas, Cine Londrina e Cine Municipal, embora poucas pessoas

frequentassem. José não se esquece que três lanterninhas os vigiavam dentro do cinema, e eles respeitavam! Eles também passeavam na Av. Paraná (hoje Calçadão), havia um movimento de moças e rapazes, conhecido como “*footing*”. Os rapazes ficavam parados observando as moças circularem de um lado para o outro. Enamoravam-se! Nas proximidades havia um “poste” com dois alto-falantes grandes, narrando notícias dos jogos, as pessoas ficavam embaixo ouvindo, se informando.

Certa vez, estavam no “*footing*” e uns bois escaparam dos vagões do trem. A polícia corria atrás dos bois com as sirenes ligadas, eram apenas duas viaturas de polícia naquela época em Londrina. Conforme o barulho das sirenes aumentava, mais os bois corriam e as pessoas fugiam dos bois. Eram cerca de dez bois, que pararam apenas na Praça Manoel Ribas, pois havia grama!

Na Av. Paraná também se encontrava o Bar Brasserie, era famoso, também o Bar Líder, Bar do Ponto, onde atualmente é a rodoviária. Bar Pinguim, conhecido como bar dos corretores. Para José, as pessoas se respeitavam e nunca se ouvia falar em drogas.

Em frente à Catedral havia um posto telefônico e para fazer ligações para São Paulo a pessoa deveria pedir a ligação pela manhã e esperar a telefônica chamar à tarde. Paulo Makiolke (in memoriam) era o presidente da telefônica, pai do jornalista José Makiolke, o Zezão (in memoriam).

Havia pontos de Charretes e carros de praça. Segundo José, Elier Zanone trabalhou por muito tempo com charrete, faleceu aos 101 anos. Relata que moça de família não deveria andar de charrete, a charrete era apelidada de “*Cataputa*”.

Em Londrina, naquela época, os aviões eram pequenos, dessa forma, eram poucos os passageiros. Não havia táxi como hoje, então eles sobrevoavam os pontos onde havia os carros da praça. Eles usavam uma estratégia para chamar os táxis, se fosse necessário um carro, o avião dava uma volta sobre o ponto, se fossem dois carros necessários, davam-se duas voltas.

José recorda-se que onde se localiza o Super Muffato na Avenida Duque de Caxias, antigamente era um mangueirão de porcos pertencente aos Fuganti. Quem administrava, ou seja, cuidava era o senhor Antônio Gaia.

Por volta dos seus 17 anos era Congregado Mariano. Na Catedral tinha mais de 100 Congregados. Foi congregado junto com o Bispo aposentado em Umuarama, Dom José Maria Maimone.

José passou dificuldades quando sua esposa “Didi” foi para São Paulo, ele foi atrás dela, na época eram apenas namorados. Em poucos meses retornou, inclusive, por motivo de terem roubado seus pertences.

Conheceu sua esposa quando ele morava na Rua Alagoas e entregava leite na casa dela. Na carroça havia três latões de 50 litros cada um, os mesmos tinham uma torneira. Vendia o leite junto com seu tio, eles tinham freguesia formada.

Benedita, “Didi” veio para Londrina em 1954, ela morava na Rua Professor João Cândido. Quando se casaram foram morar próximo ao Moringão, porém o Moringão ainda não havia sido construído. Depois se mudaram para a Rua Montese, na sequência, Vila Brasil. Na Vila Brasil as casas eram só de madeira. Por uns anos viveram em São Paulo, no entanto retornaram para Londrina novamente em 1976 com um Fusca 67. Pensaram nos filhos, pois, segundo “Didi”, São Paulo é uma cidade muito perigosa.

Ao retornar para Londrina, José foi trabalhar na *White Martins*. Se mudaram para Cambé, depois Jardim Guanabara e por fim foram para o Roseira há trinta e oito anos, se estabelecendo nesse bairro. Quando se mudaram, não havia calçada nem cerca nas residências, até bicicleta era difícil

algum morador ter! Essa mudança foi em 1984. Naquela época, os vizinhos se reuniam, cinco a seis famílias embaixo das pequenas árvores, pois eram recém-plantadas.

Na gestão do prefeito Antônio Belinati foram loteados os terrenos onde atualmente se localiza o Jardim Neman Sahyun. Segundo José, nesse local era a Fazenda do Capitão Aquiles Pimpão Ferreira, que está próximo ao Bairro Roseira. Onde é o Bairro Lagoa Dourada havia apenas um riozinho. O bairro Piza tem esse nome porque era sítio do Joaquim Piza.

Quando a Avenida Dez de Dezembro ainda era de terra, sem asfalto, antes de casar-se com “Didi”, José percorria de carroça para levar sua irmã, pois a mesma dava aulas no “Quilômetro Nove”. A levava na segunda-feira e buscava na sexta-feira, próximo à “*Venda do Felix*”.

Recorda-se do Padre Alberto que era alemão, também do Padre Germano que era italiano, e de Dom Geraldo Fernandes Bijos, que foi o primeiro Arcebispo de Londrina, e ajudou muito seu pai. Ele não se esquece. Recorda-se que a sua família ajudou na construção da igreja da Vila Brasil. O Pároco era Luís, um italiano. A família de José também colaborou em outras construções de igrejas e capelas. Sua esposa “Didi” permaneceu vinte e um anos na Pastoral do Batismo na igreja do Bairro. Convivem com vários padres que os têm como amigos. Transbordando ternura “Didi” esclarece que a sua família é temente a Deus.

Os bairros nesta região são ótimos, só tem a agradecer a Londrina pelo acolhimento.





*Primeiro encontro de José e Benedita (mais conhecida como Didi), Usina Três Bocas.  
Acervo familiar, 1953*





*Ao centro fazendo ordenha Joaquim Cândido de Oliveira (07/02/1901 – in memoriam), pai de José Cândido de Oliveira (19/02/1936), ao lado de seu pai, seu irmão João Cazarim de Oliveira (01/01/1949 – in memoriam). Ao fundo, Enedina Oliveira De Pizzol (29/08/1941 – in memoriam), Irene de Oliveira Bovolín (22/03/1944) e Antônio Cazarim de Oliveira (14/10/1946). A vaca chamava-se Morena e ao fundo o cavalo Pilintra. Final da Rua Bolívia, chácara da Santa Casa. Acervo familiar, década de 1950.*



*Avós de José Cândido de Oliveira, Maria de Lázari (in memoriam) e Luís Cazarim (in memoriam).  
Chácara Mococa (ficou conhecida como Sítio do Pica-pau Amarelo, próximo ao IAPAR).  
Acervo familiar, s.d.*



*José Cândido de Oliveira, Vila Brasil, Londrina. Acervo familiar, ano de 1953*



*“Piquenique”, da direita p/ esquerda a 4ª Benedita Antunes de Oliveira,  
Usina Três Bocas. Acervo familiar, 1952*



*Ao meio José Cândido de Oliveira e colegas, Vila Brasil, Londrina. Acervo familiar, 1953*



*José Cândido de Oliveira e colega, Vila Brasil, Londrina. Acervo familiar, ano de 1953*



*Irene de Oliveira Bovolín; ao fundo, antiga Rodoviária, atualmente Museu de Arte de Londrina. Acervo familiar, década de 1960*



*Ao fundo – Enedina Oliveira De Pizzol (in memoriam) e Irene de Oliveira Bovolin com a faixa na cabeça e colegas. Lago Igapó. Acervo familiar, década de 1960*



*Enedina Oliveira De Pizzol (in memoriam) e Irene de Oliveira Bovolín com faixa na cabeça, Lago Igapó. Acervo familiar, década de 1960*





*“Jovens elegantes”, 3º da esquerda p/ direita, José Cândido de Oliveira e colegas.  
Acervo familiar, década de 1950*



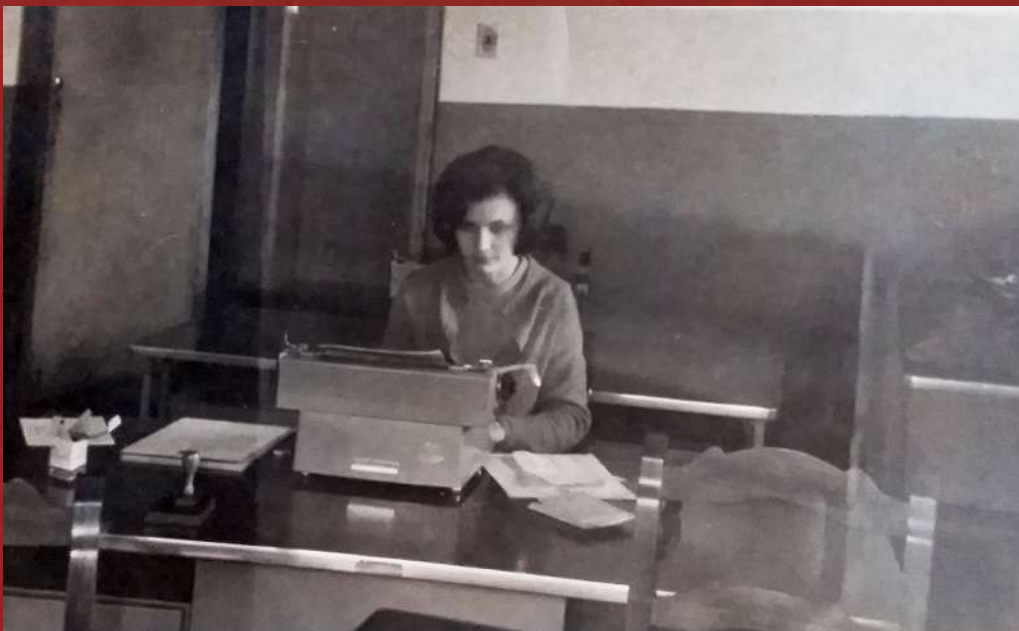
*“Elegância em bares de Londrina”, Bar Brasserie, Avenida Paraná, 2º da esquerda p/ direita José Cândido de Oliveira e colegas. Acervo familiar, ano de 1954*



*“Elegância em bares de Londrina”, Bar Suzuki, Avenida Duque de Caxias, ao centro José, à sua direita seu irmão Luís Cândido de Oliveira, à sua esquerda tio de José, Sebastião Cazarin. Da direita para esquerda, o 2º, seu cunhado José Alves Ferreira. Acervo familiar, ano de 1954.*



*Ao meio Maria Stela de Oliveira (irmã de José Cândido de Oliveira) e colegas de trabalho do Cartório de Registro Civil do 1º Ofício, primeiro Cartório de Londrina, de propriedade do sr. Guilherme Braga de Abreu Pires, Avenida Paraná. Acervo familiar, 1954*



*Cartório de Registro Civil do 1º Ofício, Irene Cazarin de Oliveira. Acervo familiar, 1960*



*Cartório de Registro Civil do 1º Ofício; da esquerda p/ direita Enedina Cazarin de Oliveira (in memoriam); Ignez Guidoni (colega); Irene Cazarin de Oliveira; Maria Aparecida de Oliveira (in memoriam); irmãs de José Cândido de Oliveira. Acervo familiar, 1960*



*Cartório de Registro Civil do 1º Ofício, Irene Cazarin de Oliveira e colega. Acervo familiar, 1960*



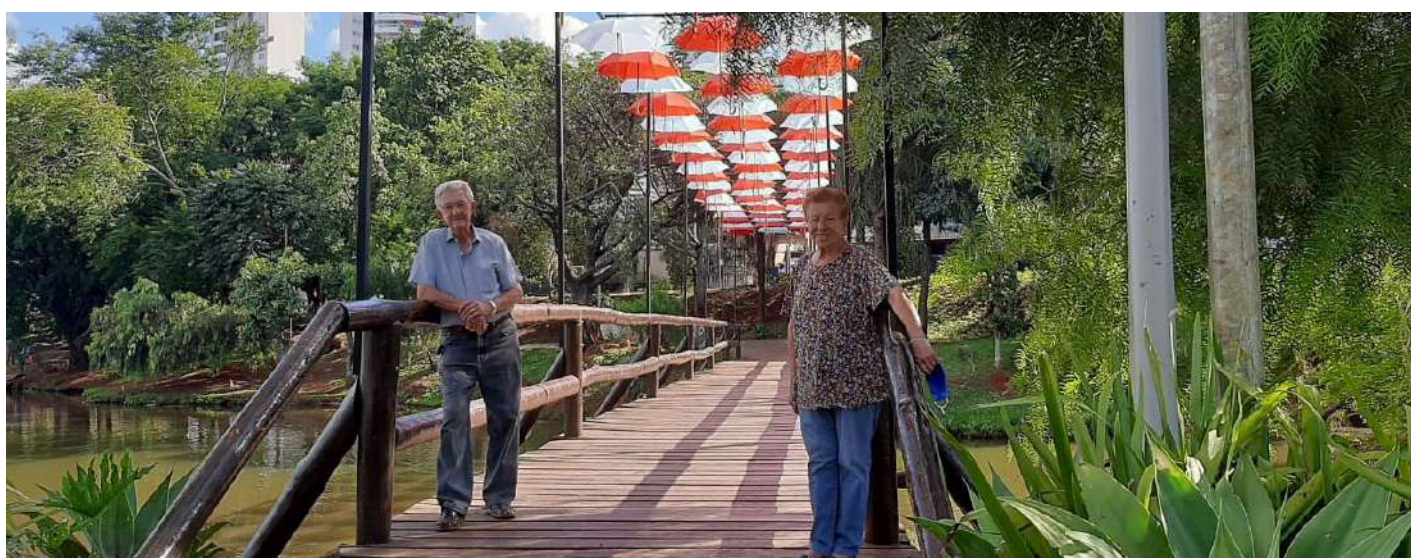
*Cartório de Registro Civil do 1º Ofício: Irene Cazarin de Oliveira e Maria Aparecida de Oliveira (in memoriam). Acervo familiar, 1960*



*Família Cazarin de Oliveira, da esquerda para direita o casal José e “Didi”, sentados Antônio Luíza Cazarin (17/01/1911 – in memoriam), Joaquim Cândido de Oliveira (07/12/1901 – in memoriam), no casamento de Irene de Oliveira e José Carlos Bovolin. Acervo familiar, 18/12/1971*



*Da esquerda para direita: Amarildo Bicheri (genro); Benedita Antunes de Oliveira (Didi); José Cândido de Oliveira; (casal – filho e nora) José Roberto Antunes de Oliveira e Regina Albiero de Oliveira; Rodrigo Albiero de Oliveira (neto); Juliana Albiero de Oliveira (neta); João Henrique (noivo da neta); Ana Lúcia Antunes de Oliveira Bicheri (filha). Acervo familiar, 2021*



*José Cândido de Oliveira e Benedita Antunes de Oliveira, Lago Igapó. Acervo familiar, 2021*

## **SEBASTIANA**

Da vida à profissão.  
Da profissão, sua vida!  
É vida! É missão!  
É alegria no coração!  
É alegria na alma, é paixão!

Um jeito ímpar de ser! Tão Serena!  
Dotada de amor! Tão plena!  
Amor ao próximo! Tão acolhedora!  
Amor à vida! Tão sabedora!  
Tão bela! Repleta de dádiva!  
Amável doutora! Doutora amada!

Márcia Rejaine Piotto - 2021



*Doutora Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda, Ana Maria Bochi (auxiliar) e Jivago Augusto Ranuffo Piotto (paciente). Foto: Márcia Rejaine Piotto, 2022*



# SEBASTIANA AQUINO DE OLIVEIRA ARRUDA



*Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda (14/05/1940).  
Colaço de Grau do Curso de Odontologia em Curitiba, Paraná.  
Acervo familiar, 1961*

Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda é nascida na zona rural em 14 de maio de 1940, registrada no cartório na cidade de Rolândia. Em 1950 veio para Londrina, aos 10 anos, estudar no Grupo Escolar da Vila Nova para cursar o quarto ano primário. Depois, foi estudante por 7 anos no Colégio Londrinense do professor Zaqueu de Melo, e acadêmica na Universidade Federal do Paraná em Curitiba.

Doutora Sebastiana ressalta que, naquela época, Londrina ainda não contemplava o curso de Odontologia.

Quando estudante, morou em casa de estudantes universitários. De acordo com a Doutora Sebastiana, o “clima” na cidade de Curitiba era acolhedor e agradável, pois se trata de uma cidade universitária e com ensino de qualidade.

*“O ambiente estudantil era muito bom!”*

Doutora Sebastiana tem como formação cirurgiã dentista, CIDADÃ HONORÁRIA DE LONDRINA, um perfil dotado de humanidade, comprometida em sua singularidade como profissional. Vem atuando, se capacitando e se destacando nesta profissão há 60 anos, para a cada ano atender melhor seus pacientes com deficiência intelectual, física ou não.

Formou-se no ano de 1961. No ano de 1962, precisamente em abril, iniciou seus trabalhos como cirurgiã dentista e nunca deixou de atuar, apenas em férias, viagens de lazer e a trabalho.

Dedicou-se à Universidade Estadual de Londrina, laborando apaixonadamente por 35 anos. Atualmente, com 82 anos, é aposentada, no entanto ainda atende seus pacientes em sua clínica particular em Londrina. A saber, Doutora Sebastiana é requisitada por pacientes de outras regiões e estados do Brasil.

De acordo com ela, seu tratamento é diferenciado, pois quando o procedimento é delicado e minucioso, para que haja melhor atendimento e proteção ao paciente, ela o realiza nos hospitais em parceria com médicos anestesistas, utilizando-se da anestesia geral. Os atendimentos são realizados em hospitais na cidade de Londrina e também em Cambé, cidade que sempre a acolhe.

Quando atuava como docente na Universidade Estadual de Londrina, viajou pelo litoral do Brasil com seus projetos na área da odontologia. De Manaus a Porto Alegre, por todo o Brasil, universidades, capitais do Brasil, Doutora Sebastiana palestrou e foi conferencista.

Recorda-se que, durante três anos consecutivos foi a Buenos Aires participar como conferencista no prestigiado CAO, *Círculo Argentino de Odontologia*, participando da formação dos discentes. Embora a Argentina tivesse hospital de odontologia, na época, a área de atendimento a pessoas com deficiência estava desativada. Tem ciência de que os trabalhos desenvolvidos estejam sendo funcionais. Essa trajetória lhe trouxe boas memórias, fato este que foi realizado com amor.

Aos seus 82 anos, esbaldando entusiasmo, revela que não pretende parar por definitivo, será paulatinamente.

Doutora Sebastiana expõe como iniciou o atendimento a pessoas com deficiência.

Revela que os atendimentos se iniciaram quando sua clínica tinha uma proximidade com o Instituto Londrinense de Educação para crianças Excepcionais, ILECE, em Londrina. Expressiva, Doutora Sebastiana conta que foi “escolhida” para ser especialista nesta área de atendimento às pessoas com deficiência. Relata que quando as crianças do ILECE se “acidentavam” ou mesmo em “emergências”, eles a procuravam. Por esses fatos, foi se aperfeiçoando nesta área.

Esclarece ainda, que cerca de 50 anos atrás não havia muita literatura especializada nesta área de atendimento odontológico a pessoas com deficiência. Mesmo com pouca literatura, buscou em bibliotecas, livrarias, e em suas viagens, sempre aprendendo, uma constante aprendizagem.

Diante de seus atendimentos a essas crianças com deficiência ao ILECE, espalhou-se por outras instituições, pela cidade de Londrina e depois para outras regiões e estados do Brasil o seu trabalho de especialista nesta área, até chegar a outros países, sendo reconhecida.

Doutora Sebastiana ressalta o seu empenho em dar assistência nos atendimentos a pessoas

comprometidas fisicamente, ora atendendo em macas, por vezes macas no chão em seu consultório, devido às deficiências.

Expõe sua felicidade em estar realizada executando este trabalho com amor e dedicação.

Recorda-se que aos 17 anos ingressou na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, e não conhecia a cidade. Digna de elogios, teve o mérito de passar em 18º lugar na classificação do vestibular. Menciona o Colégio Londrinense, pois ela teve ótimos professores.

Foi escolhido o curso de Odontologia pelo fato do curso ser curto, apenas três anos, e que seu irmão estudava Medicina e morava numa casa de estudantes. Dessa forma, atendendo o convite de seu irmão e tendo habilidade para trabalhos delicados e detalhistas, ingressou no curso de Odontologia.

Quando iniciou a academia, jamais havia entrado em um consultório odontológico, pelo fato de ter excelentes dentes. Foi aos poucos conhecendo e aprendendo. Devido à sua simpatia e empatia manteve ótimos relacionamentos com seus professores, inclusive fez parte do Departamento Feminino de Odontologia. Essa participação lhe proporcionou muitos conhecimentos e aprendizagens.

Seu primeiro trabalho profissional teve como endereço a cidade de Mandaguáçu, próximo a Maringá, foram 2 anos. Depois, mudou-se para Londrina, pois seus relacionamentos estavam nesta cidade, e nesta época iniciaram estudos para abertura do curso de Odontologia. Foi convidada a participar e fazer parte do primeiro corpo docente de Odontologia da UEL, Universidade Estadual de Londrina. Revela que aprendeu muito ensinando, também com outros profissionais exemplares e capacitados, inclusive, nessa época escolheu a especialidade de Dentística Operatória.

Doutora Sebastiana foi professora adjunta registrada nos Anais da Universidade de Londrina, tem todos os seus projetos de extensão registrados na Biblioteca Central do Hospital Universitário, HU. Esclarece que estas Instituições guardam e preservam seus históricos, toda a sua trajetória. Como exemplo, cita a fundação do Centro de Atendimento Especial, com a colaboração do prefeito Antônio Belinati, o qual se empenhou para a implantação do GETEXCEL, Grupo de Estudos para o Tratamento Odontológico do Paciente Excepcional de Londrina, além de grupos de estudos.

Depois, com a aposentadoria, Doutora Sebastiana delegou o GETEXCEL a outros 7 profissionais, para que continuassem seus trabalhos de atendimento às pessoas com deficiência intelectual ou mesmo física.

Ela tem dois filhos, sendo um advogado e outro cirurgião dentista. Doutora Sebastiana se considera uma pessoa feliz, com uma família de sucesso.

*“Pra mim o sucesso tem mais a ver com a vida espiritual, e a vida educativa, aquilo que a pessoa pode produzir de ajuda para o outro. Não é só você ter sucesso em ter um carro novo, uma casa, isso aí não, que tudo realmente foi uma consequência, eu também tenho, graças a Deus!”*

Sobre a sua trajetória, foram muitos lugares, tanto no interior, como em centros urbanos do Brasil, também no exterior. Muitas homenagens e títulos dedicados a ela por seu trabalho.

Lembra do seu amigo, deputado Tercilio Turini que a indicou como Cidadã Honorário de Londrina. Relata que Tercilio Turini era Superintendente do HU, e colaborou para que Doutora Sebastiana, quando estava na ativa na UEL, atendesse todas às quartas-feiras os pacientes com deficiência no Centro Cirúrgico.

Também houve outras homenagens que a marcaram, como pela Câmara Municipal de Londrina e Assembleia Legislativa do Paraná. Outras, também pelo mundo, como na *American Dental Association*, ADA. Se recorda que em uma de suas participações no Congresso, onde havia cerca

de 500 profissionais presentes, no encerramento, de repente, o mestre de cerimônias a convidou para que, especialmente, cortasse o bolo de aniversário da *American Dental Association*. Esta homenagem a marcou, pois, o mundo dos profissionais de sua área a reconheceu como profissional exemplar e competente.

Na capital Honolulu, no Havaí, foi como palestrante no Congresso, onde também usufruiu das inovações, sendo a aprendizagem valorosa, sobre implantes, técnicas e materiais modernos, tendo acesso a todos esses conhecimentos, acrescentando, norteando e elevando o padrão de atendimento aos pacientes com deficiência ou não.

Muitas lembranças, muitos congressos, viagens pelo mundo, como Orlando, New Orleans nos Estados Unidos. Em New Orleans, pela primeira vez ela pôde apreciar um estádio coberto e com ar condicionado. Ressalta que, viajando pelo mundo, teve o privilégio de vivenciar momentos felizes e conhecer lugares espetaculares.

Em tom de brincadeira recorda-se de fatos hilariantes, como a disputa entre ela e os americanos sobre o maior rio do mundo, Mississipi e Amazonas. Era enfática em dizer que o Amazonas era maior!

Comenta sobre o Congresso Sênior que era realizado, pois não tem acontecido atualmente, pelo fato de o organizador estar em idade avançada. Doutora Sebastiana participava do Congresso Sênior que acontecia com pessoas acima de 50 anos. O convite era confeccionado manualmente, muito acolhedor. Dessa forma era escrito e enviado assim:

*“Minha querida professora, a partir do dia 26 de setembro, estaremos te esperando no hotel “tal”, por uma semana, pra conviver, pra conhecer as tuas atividades que são muito importantes pra nós, pois tinha todas as áreas de odonto, e “essa área especial” sempre foi por mim!”*

Além do tratamento e acolhida maravilhosa, todas as vezes os participantes recebiam medalhas (comemorativas das vidas deles) ilustres, daqueles profissionais da USP. Expõe sua coleção de medalhas, tem cerca de 10 a 12 *comendas* que recebeu. Tem *comenda Tiradentes*, *comenda Horace Wells* (criador da anestesia geral no mundo) e outras.

Muito criativa e sábia, Doutora Sebastiana elaborou um projeto na Universidade Estadual de Londrina, projeto este que aumentava o volume do cabo da escova odontológica para que as pessoas com deficiência, paralisia cerebral, dificuldade de coordenação motora entre outros, utilizassem de acordo com sua mobilidade. Este projeto foi apresentado em congressos, inclusive na AACD em São Paulo. Dentre os participantes, o Reino Unido apreciou sua invenção e a convidou para que fosse à Europa para expor seu projeto, porém devido à vida familiar não foi possível. No entanto, ficou feliz e motivada devido ao fato de seu projeto inventivo estar exposto em outros países, colaborando para que as pessoas com deficiência pudessem amenizar as dificuldades enfrentadas em suas vidas.

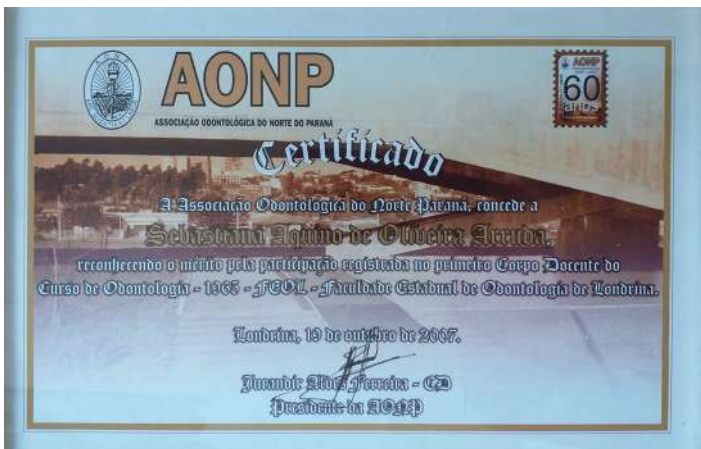
Doutora Sebastiana revela que há um novo projeto já desenvolvido com cabos de escovas, com mais artifícios, porém não foi “lançado” ainda.

Sem mais delongas, finaliza com a alegria estampada em seus olhos de dever cumprido em décadas de trabalhos dedicados com competência e amor ao próximo.

Alguns dos certificados, homenagens e prêmios concedidos à Doutora Sebastiana por seu trabalho durante seis décadas.









**CÂMARA MUNICIPAL  
DE LONDRINA  
ESTADO DO PARANÁ**

A Câmara Municipal de Londrina, por meio do Requerimento nº 3.506 de 11 de outubro de 2011, de autoria da Vereadora Lenir de Assis e outros,

confere à

**Doutora Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda**

o

***Diploma de Reconhecimento Público***

Pelos relevantes serviços prestados as pessoas com deficiência.

Londrina, 11 de dezembro de 2012.

**Rony dos Santos Alves**  
Presidente

**Lenir de Assis**  
Autora

**José Roque Neto**  
1º Secretário

FOTOGRAFIA: FOTOGRAFIA.COM

*Honra ao Mérito*

**PRÊMIO  
REVELAÇÃO LONDRINA 77 ANOS  
ODONTOLOGIA**

É conferido à cirurgiã dentista **Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda** o **PERGAMINHO REVELAÇÃO LONDRINA 77 ANOS**, em reconhecimento ao marcante desempenho realizado no exercício de sua função, estabelecendo correção e dinamismo nas atitudes, com participação ativa nos projetos sociais, promovendo a riqueza do Estado do Paraná, além de seus relevantes serviços prestados em favor do desenvolvimento brasileiro, caracterizando-se como símbolo e modelo e servindo de exemplo às gerações futuras.

**JORNAL FATOS DO PARANÁ**  
Edison Elias - Jornalista - Escritor  
Diretor Presidente do Jornal  
**FATOS DO PARANÁ**

Curitiba - Ano 2011

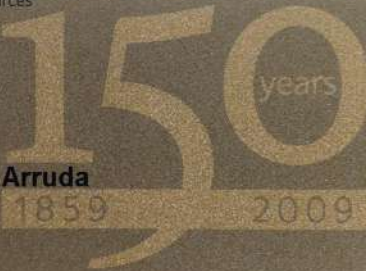


American Dental Association® [www.ada.org](http://www.ada.org)  
Shared Global Resources

2009 Member

622446689

**Dr Sebastiana A O Arruda**  
Affiliate Member



ADA Headquarters +1.312.440.2500

ADA Center for International Development and Affairs:  
+1.312.440.2726 or [www.ada.org/goto/international](http://www.ada.org/goto/international)

ADA Annual Session: September 30-October 4, 2009, Honolulu, Hawaii,  
[www.ada.org/goto/session](http://www.ada.org/goto/session)

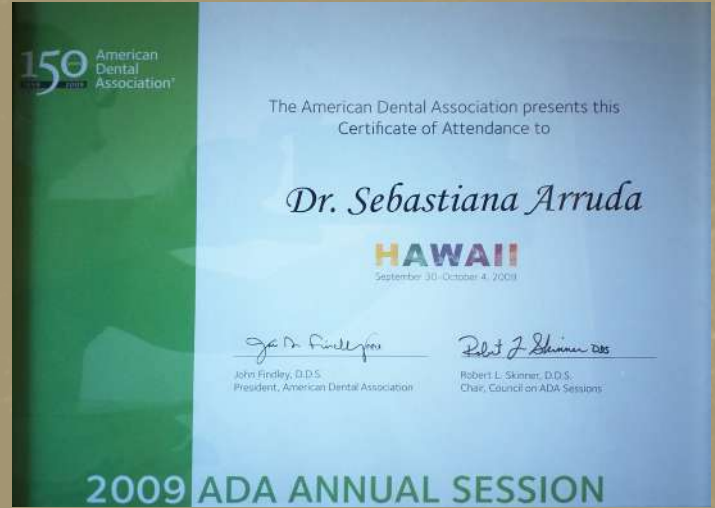
ADA Catalog Products: +1.312.440.2500 or [www.adacatalog.org](http://www.adacatalog.org)

Hertz: For reservations, visit [www.hertz.com](http://www.hertz.com). Be sure to mention your  
ADA CDP# 42371.





*New Orleans, nos Estados Unidos, acervo familiar, s.d.*





Ligue e Consulte  
(43) 3324 5956 Londrina - Paraná

ESCOVAS DENTAIS ADAPTADAS PARA O PARALÍTICO CEREBRAL

COORDENADORA: SEBASTIANA ARRUDA

- ♦ NA ESCOVAÇÃO É IMPORTANTE ANALIZAR A CAPACIDADE MOTORA DO PARALÍTICO CEREBRAL PORQUE O MOVIMENTO É UM PRÉ-REQUISITO IMPORTANTE; QUANDO O INDIVÍDUO REALIZA MOVIMENTOS PLANEJADOS, INTENSIONAIS, ESTÁ DEMONSTRANDO SEU DOMÍNIO E DESTREZA PSICO-MOTORA.
- ♦ A EMPUNHADURA DA ESCOVA DENTAL TEM TOTAL IMPORTÂNCIA, PROPORCIONANDO A MOVIMENTAÇÃO ADEQUADA PARA LIMPEZA DOS DENTES, LÍNGUA E GENÍVAS.
- ♦ CABO ANATÔMICO É O REFERENCIAL NOS CASOS DE DISTÚRBIOS DA FUNÇÃO MUSCULAR VOLUNTÁRIA, SEJA EM PCS, COMO EM VÍTIMAS DE AVC, COM DESCOORDENAÇÃO MUSCULAR, VISUAL E MANIPULÁRIA.



**Dental Wash**

ESCOVA DENTAL ADAPTADA

Rua TUPI, 632 Centro  
(43) 3324 5956 Londrina - Paraná

**Dental Wash**

ESCOVA DENTAL ADAPTADA  
PARA UM SORRISO SAUDÁVEL

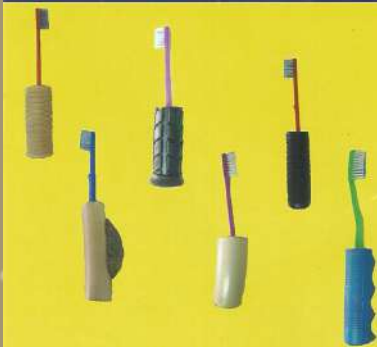
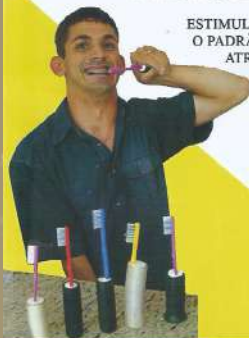


ESCOVAS DENTAIS ADAPTADAS  
PARA O PARALÍTICO CEREBRAL

**Dental Wash**

ESCOVA DENTAL ADAPTADA  
PARA UM SORRISO SAUDÁVEL

ESTIMULAR A ESCOVAÇÃO DENTAL DE ACORDO COM O PADRÃO MOTOR DO PACIENTE PC (PARALÍTICO CEREBRAL) ATRAVÉS DE ALTERAÇÕES DIMENSIONAIS NO CABO DA ESCOVA DENTAL



ESCOVAS DENTAIS ADAPTADAS PARA O PARALÍTICO CEREBRAL

- ♦ A PRIMEIRA ESCOVA DENTAL ADAPTADA À DIFICULDADE MOTORA DO PACIENTE PARALÍTICO CEREBRAL.
- ♦ EMPUNHADURA ADEQUADA DO CABO PARA FACILITAR A LIMPEZA DOS DENTES.
- ♦ PERMITE MOVIMENTOS FIRMES PARA A REMOÇÃO DA PLACA BACTERIANA DOS LOCAIS MAIS DIFÍCEIS.
- ♦ AJUDA A MANTER AS GENÍVAS FORTES E SAUDÁVEIS, REMOVENDO GERMES DA LÍNGUA E DE TODA A CAVIDADE BUCAL.
- ♦ ELEVA A AUTO-ESTIMA MOSTRANDO UM SORRISO SAUDÁVEL.

Escovas projetadas pela Doutora Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda



*FACULDADE DE MEDICINA (Medicina, Odontologia e Farmácia),  
UNIVERSIDADE DO PARANÁ. Lembrança aos calouros de 1958*



*Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda. Colação de Grau do Curso de Odontologia em Curitiba, Paraná. Acervo familiar, 1961*



*CEUC – Casa da Estudante Universitária de Curitiba. à esquerda a primeira em pé, Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda. Acervo familiar, maio de 1961*



*CEUC – Casa da Estudante Universitária de Curitiba – discursando no jantar oferecido ao Reitor Flávio Suplicy de Lacerda. Acervo familiar, maio de 1961*



*Almoço comemorativo da Clínica Odontológica de professores da UEL. Da esquerda para direita, Dr Cyrilo (in memoriam), Dr. Coutinho (in memoriam), Dra. Youko (in memoriam), Dra. Sebastiana e Dra. Maria Helena (na época era aluna).  
Acervo familiar, década de 1970*





*GETEXEL – À esquerda, a segunda à frente, Dra Sebastiana e Grupo de Estudos para o Tratamento Odontológico do Paciente Excepcional de Londrina, culminando com a fundação do Centro de Saúde Especial Bárbara Daher – década de 1980. Grupo de alunos do Curso de Odontologia. Acervo familiar, s.d.*



*GETEXEL – Atendimento com anestesia geral em paciente com deficiência, Doutora Sebastiana e outros profissionais. Acervo familiar, década de 1980*



*Hospital São Judas, em Rolândia. Atendimento com anestesia geral em paciente com deficiência, Doutora Sebastiana e outros profissionais. Acervo familiar, década de 1990*



*CONGRESSO EM LONDRINA – palestrando sobre atendimento a pessoas com deficiência. Acervo familiar, década de 1990*



**8º SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL  
PORTO ALEGRE - 26 a 29 DE SETEMBRO DE 1990**

*Doutora Sebastiana – primeira da esquerda ao fundo. Acervo familiar, 09/1990*



CONGRESSO BRASILEIRO  
DE ODONTOLOGIA PARA  
PACIENTES ESPECIAIS

4ª JORNADA DO G.H.C.

Porto Alegre, RS, 8 a 12 de junho de 1993  
Centro de Eventos do Hotel Plaza São Rafael



*Palestrante no 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE ODONTOLOGIA PARA PACIENTES ESPECIAIS. 4ª JORNADA DO G.H.C. – Porto Alegre RS, 8 a 12 de junho de 1993. Acervo familiar*



*Em solenidade, Tercílio Turini confere o título de CIDADÃ HONORÃRIA DE LONDRINA à Doutora Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda. Acervo familiar, 20/04/1994*



*“Discursando” – Acervo familiar, 20/04/1994*



*“Família” – Da esquerda para direita, filho André Luís, Doutora Sebastiana, seu pai, Jorge Aquino Oliveira (1910, in memoriam), filho Marcos Vinícius e nora Simone com a neta Laís.  
Acervo familiar, 20/04/1994*



*Aeroporto de Londrina – participação em congressos na Europa – Barcelona.  
Acervo familiar, 26/08/1996*

**34º CONGRESSO SUL-MINEIRO DE ODONTOLOGIA.**  
*Hotel Glória – Caxambu – MG - SET. 2001*



*Palestrante no 34º CONGRESSO SUL-MINEIRO DE ODONTOLOGIA. Caxambu, Minas Gerais.  
Doutor Alfredo Pimenta e Doutora Sebastiana. Acervo familiar, 09/2001*



**XVI JORNADA ODONTOLÓGICA BRASILEIRA DE ESTUDOS  
SOBRE PACIENTES ESPECIAIS.**  
DE 16 A 19/10/2002. HOTEL SAGRÉS BELÉM-PARÁ

*Doutora Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda, a quinta da direita para  
esquerda. Acervo familiar, 10/2002*



*AONP – ASSOCIAÇÃO ODONTOLÓGICA DO NORTE DO PARANÁ. Homenagem, reconhecendo o mérito pela participação registrada no primeiro Corpo Docente do Curso de Odontologia em 1965 – FEOL – Faculdade Estadual de Odontologia de Londrina, 19/10/2007. Acervo familiar.*





*Doutora Sebastiana e seu neto Pedro Henrique, com 7 anos.  
Acervo familiar, 2010.*



*Da esquerda p/ direita, Dra Sebastiana, André Luís Aquino Arruda (filho), Simone Arruda (nora), ao lado Laís Aquino Arruda (neta), Maria Aquino Oliveira (irmã). Usando chapéu André Luís Aquino Arruda Filho (neto). Acervo familiar, 2012.*



*Michelle Bolsonaro (primeira dama do Brasil), Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda, Londrina. Acervo familiar, 08/04/2022*

## **SENTIMENTOS**

Recordações que me fazem ora triste, ora feliz!  
Vida que ficou pra trás, que me faz ora triste, ora feliz!  
Vida que se refaz, que me faz ora triste, ora feliz!  
Londrina que me fez, que me faz ora triste, ora feliz!

Essa angústia de momentos, de instantes,  
Que de tempos em tempos evoca e provoca,  
Sentimentos eufóricos e inquietos,  
Revive histórias, memórias efêmeras,  
Que traz em minh'alma ora alegria, ora angústia!

Essa dor que aflora, com doçura, ora adormece,  
Vem à memória e revejo caminhos de outrora,  
Ora esplêndidos! Ora melancólicos,  
Ora bendizei: ora, ora!  
Repleta de glórias, lamentos e ilusões,  
Londrina que me fez, que me faz ora triste, ora feliz!

Márcia Rejaine Piotto – 2021

# EVANY DE SOUZA SILVA



*Evany de Souza Silva (15/02/1930). Foto: Márcia Rejaine Piotto 2021*

Evany de Souza Silva, nascida no Distrito de Xique-Xique, no Município de Andaraí, Bahia em 15/02/1930.

Aos 91 anos, amável, simpática e muito lúcida, “*Dona Evany*” traz à sua memória fatos de sua vida e de seus familiares.

A viagem para o Paraná foi longa, levaram oito dias de viagem da Bahia até Londrina. Foram vários os transportes utilizados, ônibus, caminhão e caminhão pau de arara. Vieram para Londrina, além de Evany, sua família, mãe, pai, irmã e cunhado.

Sempre sorridente, aos 91 anos Evany relata que chegou a Londrina em 1953, indo morar na Rua Duque de Caxias, só se mudando desse endereço quando se casou em 1957. Não havia asfalto, era paralelepípedo, o calçamento até a Catedral também era de paralelepípedo, no entanto, da Rua Maranhão para baixo as ruas próximas eram de terra. Na Avenida Duque de Caxias, próximo à residência de sua família, havia a loja Chafic e também um bar muito frequentado.

Seu primeiro trabalho em Londrina foi nas Lojas Brasileiras, depois na catação de café.

Sobre o trabalho na catação de café, a dinâmica do trabalho consistia em uma esteira onde ficavam pessoas sentadas ao entorno “catando”, ou seja, separando o café. Poderia realizar esse procedimento em suas residências quem preferisse. Ao finalizar o trabalho, eles pesavam e efetivavam o pagamento de acordo com o peso do café. Também realizou outros trabalhos, como costurando sacos e em fábrica de camisa.

Em 1957 casou-se com Antonio Lima da Silva, na Igreja Nossa Senhora das Graças na Vila Brasil, e no decorrer da vida teve cinco filhos.

Seu esposo Antonio, trabalhou muitos anos no Bar Pinguim, na Avenida Paraná próximo ao Cine Ouro Verde, depois trabalhou na portaria do Centro Comercial por vinte e seis anos.

Numa determinada época, Antonio decidiu ir para Paranavaí junto com o proprietário do Bar Pinguim, porém Evany não acompanhou seu esposo, ficou com o bebê recém-nascido. Embora tenha ficado, não demorou muito e Evany decidiu ir junto a ele, pegou o avião e fez uma surpresa ao Antonio.

Todavia, *“Londrina, é obsessão, volúpia e paixão!”* Por essa paixão, Evany e sua recente família constituída e feliz, aportou novamente aqui em Londrina.

Quando casada, Evany morou cinco anos, até 1964, na Vila Nova, a água era de poço para realizar as atividades domésticas, também não tinha asfalto, havia apenas energia elétrica. Tiveram três filhos nesse tempo. Depois mudaram-se para a Vila Casoni, viveram quatorze anos nesse endereço, a casa era alugada, havia água encanada, energia elétrica, porém sem asfalto ainda.

Vem à sua memória que nesse tempo houve a construção da Avenida Dez de Dezembro.

Evany ressalta que pertencia à Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Sempre colaborava com o dízimo e ajudava na coleta. Quando se mudou desse bairro já havia asfalto.

Depois mudou-se para o Conjunto Ruy Virmond Carnascialli e está há quarenta e três anos nesse endereço. Frequentava a Paróquia Nossa Senhora da Glória, foi catequista por quinze anos e Ministra da Eucaristia há vinte e seis anos. Participa até hoje ajudando no bazar de roupas usadas e com o dízimo, pois para Evany é necessário. Quando havia quermesses, também colaborava ajudando.

Quando se mudou para esse bairro, em 1978, não havia asfalto, e para usar o ônibus coletivo precisava caminhar um pouco até a Avenida da Liberdade. Quando chovia era necessário colocar sacos plásticos nos pés por causa do barro. Essa situação durou cerca de um ano, eram muitas dificuldades. Também, próximo à sua residência não havia padaria e nem açougue. Era preciso ir ao centro da cidade para realizar as compras. Atualmente o bairro está bem melhor, contemplando alguns comércios. Até a Paróquia Nossa Senhora da Glória está maior, com novas construções.

Próximo à Catedral havia o Grêmio Recreativo, naquela época promoviam muitos bailes, inclusive de carnaval. Ela e seu esposo Antonio gostavam de dançar, se divertiam muito. Logo abaixo havia dois Postos de Saúde, se recorda que um deles era próximo à Caixa Econômica Federal, pois levava seus filhos quando necessário. Junto à Catedral, ainda há o bosque central, naquela época

era muito fechado (muitas árvores) e dificultava a entrada das pessoas.

*“O tempo que eu cheguei aqui o pessoal trabalhava mais no café. Meu pai mesmo foi lá pra Florestópolis pra trabalhar no café. Aí quando foi em 75 teve a geada negra, aí queimou todo o cafezal. Tava tudo verdinho, assim durante o dia. Quando foi de manhã meu pai chamou: “Gente vem aqui olhar!”. A gente olhou, tava assim tudo roxo, ficou roxo, não ficou preto não, ficou roxo. Daí quando o sol esquenta, daí começa a queimar. Daí que “empretece” o café! Aí queimou tudo. Nossa, ficou uma coisa tão feia! Porque era tão verdinho, tão bonito!”*

Evany recorda-se que nos anos de 1980 fazia exposição de seus produtos artesanais na calçada do Bosque Central Marechal Cândido Rondon, em frente à *Biblioteca Pública Municipal Professor Pedro Viriato Parigot de Souza*, próximo à Agência dos *Correios Centro*. Compareciam a esse ponto duas vezes na semana. Vendiam produtos artesanais, como panos de prato, toalhas de mesa, jogos de crochê, bonecas de pano e outros. Foram cerca de três anos esse trabalho com outras artesãs, chamava-se *Associação das Donas de Casa*. Esclarece que tinha até carteirinha.

Evany encontra-se viúva há vinte e cinco anos, tem nove netos e dois bisnetos aos seus 91 anos.



*Praça Rocha Pombo – Londrina – Dagmar Rego, Hamilton Souza Rego (irmão – in memoriam) e Evany de Souza Silva. Acervo familiar, 1953*



*Hamilton Souza Rego (irmão – in memoriam) Dora, Eudete (colegas), Evany de Souza Silva.  
Acervo familiar, 1954*



*À frente Hamilton Souza Rego (irmão – in memoriam), centro de Londrina.  
Acervo familiar, 1955*





*Ao meio Antonio Lima da Silva, esposo (in memoriam). Bar Pinguim, Avenida Paraná, próximo ao Cine Ouro Verde, Londrina. Acervo familiar, 1954*



*Paróquia Nossa Senhora das Graças – Vila Brasil, casamento de Evany de Souza Silva e Antonio Lima da Silva. Acervo familiar, década de 1957*



*Pai – Antonio Lima da Silva (10/05/1931 - in memoriam); Mãe – Evany de Souza Silva (15/02/1930); Filhos – da esquerda para a direita: Antonio Lima da Silva Filho (1958 – in memoriam); Jackson Lima da Silva (1960); Edilson Lima da Silva (1961); Newton Lima da Silva (1963); Rosangela das Graças Lima da Silva (1966). Acervo da família, 1968*



*Grêmio Recreativo Londrinense, o 4º da esquerda para a direita Antonio Lima da Silva, esposo (in memoriam). Acervo familiar, 1970*



*Grêmio Recreativo Londrinense, à frente Antonio Lima da Silva, esposo (in memoriam). Acervo familiar, 1970*



**Antonio Lima da Silva Filho** – o 4º na fila do meio (filho – in memoriam) desfile 07/09 – Colégio Marcelino Champagnat; à direita Cine Ouro Verde. Em homenagem ao filho de Evany há uma rua com seu nome no Bairro de Jardim Esperança em Londrina.  
Acervo familiar, década de 1976



*Comemorando os 70 anos de casados (casamento - 12/11/1919); Maria Souza Rego (1895 – in memoriam) e Antonio Rodrigues Rego (1893 – in memoriam), pais de Evany de Souza Silva. Acervo familiar, década de 1989*



*Comemorando aniversário de 80 anos – da direita para esquerda – Maria Pires (irmã); Dagmar Rego (irmã – in memoriam); Evany de Souza Silva; Sebastiana Ferreira Rego (irmã). Acervo familiar, 2010*



*Comemorando aniversário de 80 anos de Evany de Souza Silva, Dagmar Rego (irmã – in memoriam) e cunhado João Pedro (in memoriam). Acervo familiar, 2010*



*Família Lima da Silva – aniversário de 90 anos de Evany de Souza Silva  
Acervo familiar, 15 de fevereiro de 2020*

## **VIDA**

A vida sorri!  
Não são apenas campos floridos, mas cativa e é bela!

Nas florestas, assovios musicais...  
Dos ventos, das ventanias, dos vendavais!  
Dos bem-te-vis, dos pintassilgos, dos pardais!

A vida sorri!  
Na infância, quando criança...  
Afloram as lembranças, as memórias,  
Feliz, amada, bela como Arabela!  
As matas, os milharais,  
Os arvoredos, os cafezais!

A vida sorri!  
As chuvas, o sol,  
O arco-íris, o rouxinol,  
Os peixes nos rios,  
Os oceanos pra contemplar,  
As estrelas no céu,  
A brisa do mar.

A vida sorri!  
Os sonhos, os amores, os prazeres,  
As festas, as quermesses, as preces,  
Os carnavais, os festivais, os natais,  
Os parentes, a família,  
Os filhos não há mais!

A vida sorria!  
Não sorri mais!  
O tempo ficou para trás!

Márcia Rejaine Piotto – 2021

# MATHILDE EVANGELISTA HERNANDES ANTÔNIO RABELLO HERNANDES



*Mathilde Evangelista Hernandez (1956); Antônio Rabello Hernandez, Quartel Foz do Iguaçu (1957). Acervo familiar*

Antônio Rabello Hernandez nasceu em São João da Boa Vista em 1937. Veio para Londrina em 1945, com 8 anos de idade. Recorda-se que só havia mato em Londrina e as ruas eram de terra, não havia asfalto.

Com as chuvas constantes, caminhar pelas ruas era quase impossível por causa do barro.

De acordo com Antônio, naquele tempo, onde hoje é cidade, havia cafezais. Na época o prefeito era Hugo Cabral.

Afloram suas memórias, e que memórias! A família de Antônio foi morar numa casa antiga de madeira. Antônio recorda-se de quando era criança e buscava leite num sítio onde hoje há prédios.

*Ah, havia os ingleses!*

Antônio conhecia todos eles, inclusive o agrimensor Alexandre Razgulaeff da Companhia de



Terras Norte do Paraná.

Explica que onde é o cinema Ouro Verde atualmente, era o escritório da CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná. A prefeitura era bem na praça, na esquina, em frente ao prédio Fuganti, onde havia também um posto de gasolina.

Recorda-se que eles, a família, sempre comprava uvas no sítio dos Fuganti. Seu primo Jairo Ferreira tinha uma fazenda perto dos Fuganti, sempre iam lá passear. As casas dos Fuganti (comércio) era muito grande, havia secos e molhados, ferragens e muito mais!

Ressalta que chovia muito em Londrina, em média de 20 em 20 dias chovia de 2 a 3 dias. Recorda-se que quando havia desfile em comemoração ao dia sete de setembro, se não tinha chuva, tinha muito pó. Antônio estudou no Colégio Estadual Hugo Simas em Londrina. No recreio se alimentavam dos lanches que levavam, pois não havia lanche na escola, no entanto havia uniforme.

*“Ah, eu gostava daquele tempo!”*

Lembra-se que levantava cedinho, sua mãe fazia o café, ele tomava e buscava o leite num sítio, havia plantação de café. Hoje em dia é cidade.

Segundo Antônio, não havia energia elétrica em sua residência, nem na escola, apenas na Avenida Paraná.

Naquele tempo havia muito “mato” ainda, das espécies de árvores, Antônio cita peroba e cedro. Afirma que depois começaram a plantar café.

Com relação aos animais, Antônio menciona o macacos-prego, pois afirma que havia muitos deles e gambás, que comiam os ovos das galinhas. Aves havia em abundância, entre tantas, cita os papagaios e os canarinhos. Ele recorda-se dos canarinhos pousados nas cercas de sua casa. Em abundância, havia tantos animais, não apenas as aves, como as cobras-cascavéis, urutus, também onças suçuaranas, tamanduás, onças-pintadas.

Dentre as lembranças, comenta sobre os banhos, pois eram um tanto quanto diferentes da atualidade. Havia o banheiro e nele um chuveiro de lata com uma torneira, então enchia a lata com água quente ou fria, e em seguida deixava a torneira aberta para lavar-se. Quanto às necessidades fisiológicas, havia uma fossa e sobre ela uma casinha, o mictório.

Sobre as brincadeiras, as crianças brincavam de roda, passar anel, dança das cadeiras, jogo de futebol, com bola de capotão, e tantas outras.

Seu pai era pedreiro, e construiu muitos prédios em Londrina. Sua mãe era “do lar”.

Antônio relata uma tragédia em 1946, ocorrida em Londrina, quando eles moravam na Vila Nova, num dia, inclusive, que ele estava muito gripado. A distância de onde ele se encontrava até o centro de Londrina era cerca de oito quilômetros.

Ficou sabendo, depois, do estrondo, que eram dois aviões que se colidiram e caíram. Um caiu onde se localiza a rodoviária antiga e o outro caiu abaixo da *Avenida Leste-Oeste (Avenida Arcebispo Dom Geraldo Fernandes)*.

Segundo Antônio, infelizmente os dois pilotos morreram. Era um teco-teco de São Paulo e outro de Londrina. Antônio explica que eles voaram próximos um do outro, então o vento os empurrou, fazendo com que colidissem e morressem. De acordo com Antônio, um dos aviões continha muitas notas de dinheiro que se espalharam, pois eram de um comprador de café. Antônio conta que depois do estrondo, *“até a gripe sarou”*. Um piloto morreu queimado e o outro caiu sobre o motor do avião, morto, todo quebrado. Comenta que foi lamentável essa situação.

Saudosamente, Antônio conta que na infância gostava de observar os trens passarem, seus

passageiros e os vagões de cargas.

Recorda-se de outra tragédia, no ano de 1946, quando foi ao casamento do vizinho da fazenda de seu primo Jairo Ferreira. O casamento estava sendo realizado na fazenda de Jairo. Após o casamento, eles saíram para passear e ir ao Rio Tibagi. Quando o vizinho foi mergulhar, bateu a cabeça numa pedra e morreu no mesmo instante.

Antônio esclarece que a ponte do Rio Tibagi não era nada bonita e as águas eram tantas, volumosas, os peixes, uma fartura! As suas águas eram límpidas e as pessoas nadavam.

Quando jovem, Antônio fez vários cursos de montagem de motores, inclusive de avião. Uma certa época foi para o estado de Mato Grosso trabalhar como gerente de retificadora, e lá também dava orientações para os professores do SENAI.

Um fato inusitado aconteceu com Antônio quando era criança. Ele era costumado a observar os teco-tecos que voavam sobre a sua casa. Certa vez, ao observar, avistou um teco-teco, que acreditava estar cerca de 800 metros acima. De repente, ao olhar o teco-teco, como de costume, percebeu uma pinta preta no céu e essa pinta foi aumentando, aumentando, até que caiu. Era um chapéu, ou seja, o quepe do piloto. Depois apareceu um piloto perguntando se, porventura, tinha caído um chapéu no quintal dele. Então ele disse que estava lá sim, todavia, complementou dizendo:

*“Só que tem uma coisa, pra mim entregar o chapéu pra você, você tem que me dar uma bola de futebol pra mim, daí eu ganhei a bola de futebol e entreguei o chapéu pra ele”.*

Antônio recorda-se das benfeitorias que realizou no barracão do quartel quando estava servindo o exército, também o reconhecimento por parte do capitão.

*“Muy bella”* e feliz, Mathilde Evangelista Hernandez aos seus 79 anos (nascida em 1942), nos confidencia um pouco de sua vida em Londrina, unida ao grande amor de sua vida, Antônio. Mathilde chegou em Londrina em 1947, com apenas 5 anos, sua família ficou em outra cidade e ela foi aluna interna do Colégio Mãe de Deus.

Quando a família de Mathilde mudou-se para Londrina, em 1955, ela deixou de ser aluna interna e passou a ser aluna externa, inclusive junto com sua irmã. O bairro escolhido foi a Vila Brasil, Rua Venezuela. Sua casa era antiga, a construção era em madeira. Saudosa, recorda-se do fogão a lenha com a comida sobre ele quentinha, ela gostava muito da comida de sua mãe. Sempre havia carne de frango, polenta e legumes, sua mãe era italiana. Ao entorno as casas eram de madeira.

No caminho para o Colégio Mãe de Deus as ruas eram de paralelepípedos, um tanto de terra e muitos lotes vazios com matagal. Às vezes seu irmão as buscavam. A sua família gostava do bairro, pois era repleto de vizinhança, fizeram muitas amizades, havia muita criançada, as quais brincavam na rua de bola de gude, pular corda e queimada. A rua era de paralelepípedo, a criançada se esbaldava, brincando muito, se divertiam!

Mathilde relata que foi aluna interna, residiu no Colégio Mãe de Deus durante 3 anos. Estudou os três primeiros anos no Colégio. Seu pai era administrador de uma fazenda, então ela frequentava a fazenda nas férias. Aos domingos seus pais faziam visitas e a levavam para passear.

Uma de suas lembranças aconteceu num certo domingo, de ter visitado a prima de sua mãe, que era proprietária de um posto de gasolina próximo a Ibiporã. Havia a necessidade de autorização por parte dos pais para sair do colégio, mesmo que fosse com parentes.

Aos domingos frequentavam a Catedral, usavam uniformes específicos para missa, as alunas eram “numeradas”, seu número era 81, muito bem “arrumadas”, em duas fileiras se encaminhavam para a Catedral. Camisa branca, manga comprida, saia com suspensório azul marinho pregueada,

sapato de verniz e meia branca. Assistiam à missa, depois voltavam e tinham recreação, inclusive brincavam de bola.

Pela manhã estudavam, à tarde realizavam as tarefas, também havia dias específicos para aprender a bordar, pintar, tinham lazer no pátio, faziam teatro. Aos domingos à tarde havia competição de vôlei entre outras escolas.

*“Era muito divertido!”*

Quando era tempo de quermesse, as irmãs comemoravam, celebravam com festas, somente os pais e alunos que participavam. Recordar-se de suas professoras, as irmãs Telmaris e Bernadete. Mathilde expõe seus sentimentos por elas, *“gostava muito delas!”*. Foi informada que as mesmas no ano de 2019 estavam vivas, porém com idade avançada. No pátio do colégio havia uma igrejinha.

Revela que as meninas ficavam em cima do muro paquerando os meninos, a irmã quando percebia “espantava” os meninos e dava bronca nas meninas. A escola era rígida e os pais eram informados sobre os acontecimentos. Eram momentos de descontração e diversão para as meninas, inclusive inventaram uma música para essas situações:

*Chiquita bacana lá da Mãe de Deus,  
Se veste com uniforme que parece um judeu.  
Não usa vestido, não usa maiô,  
Não tem um benzinho no seu coração!  
Avisa a irmã Telmaris com toda a razão,  
Põe elas pra dentro e fecha o portão.*

Sobre o casamento de Mathilde e Antônio, ela esclarece que se conheceram em 1960 na cidade de Jandaia, no restaurante de sua tia, pois ela estava “dando uma mãozinha”. Quando Antônio viu Mathilde disse ao seu tio que se casaria com ela, e se casaram após um ano, em 1961. Neste ano de 2021 farão 60 anos de casamento. Tiveram dois filhos, têm netos e 4 bisnetos. São todos unidos e felizes.

Mathilde permaneceu no Colégio Mãe de Deus trabalhando como secretária, ministrou aulas também por um tempo para o “Primário”. Estudou até a “8ª série”. Sempre trabalhou, atualmente cuida da casa e confecciona enxovais.



*Avô de Mathilde, Antônio Evangelista Bezerra (in memoriam), embaixo de um pé de girassol. Nasceu em Guaranhuns, Pernambuco. Acervo familiar, 1950*



*Francisco Hernandes (1919 – in memoriam), pai de Antônio Rabello Hernandes. Acervo familiar, s.d.*



*Quatro filhos de Francisco Hernandes (1919 – in memoriam) e Alzira Rabelo Hernandes (1919 – in memoriam). À esquerda Clélia Rabelo Hernandes (1939), ao centro, em pé, Antônio Rabelo Hernandes (1937), sentada Clair Rabelo Hernandes (1941 – in memoriam), à direita Cleide Rabelo Hernandes (1942 – in memoriam). Acervo familiar, s.d.*



*Família de Mathilde Evangelista Hernandes (1942). No centro os pais: Sebastião Evangelista Bezerra (1920 – in memoriam), Maria Tersariol Evangelista (1919 – in memoriam).*

*À esquerda, ao lado de Mathilde, a irmã Marina Evangelista Bezerra (1944).*

*Da direita para esquerda, em pé: Joaquim Evangelista Bezerra (1946), Antônio Evangelista Bezerra (1948), José Evangelista Bezerra (1950), na cadeirinha Pedro Evangelista Bezerra (1952). No colo da mãe Marinete Evangelista Bezerra (1954). Além desses irmãos, Mathilde tem mais três, Mariza Evangelista Bezerra (1956), Marlene Evangelista Bezerra (1958) e Maristela Evangelista Bezerra (1960). Acervo familiar, 1955*



*Mathilde Evangelista Hernandes na Fazenda Barbacena, nas férias.  
Acervo familiar, julho de 1953*

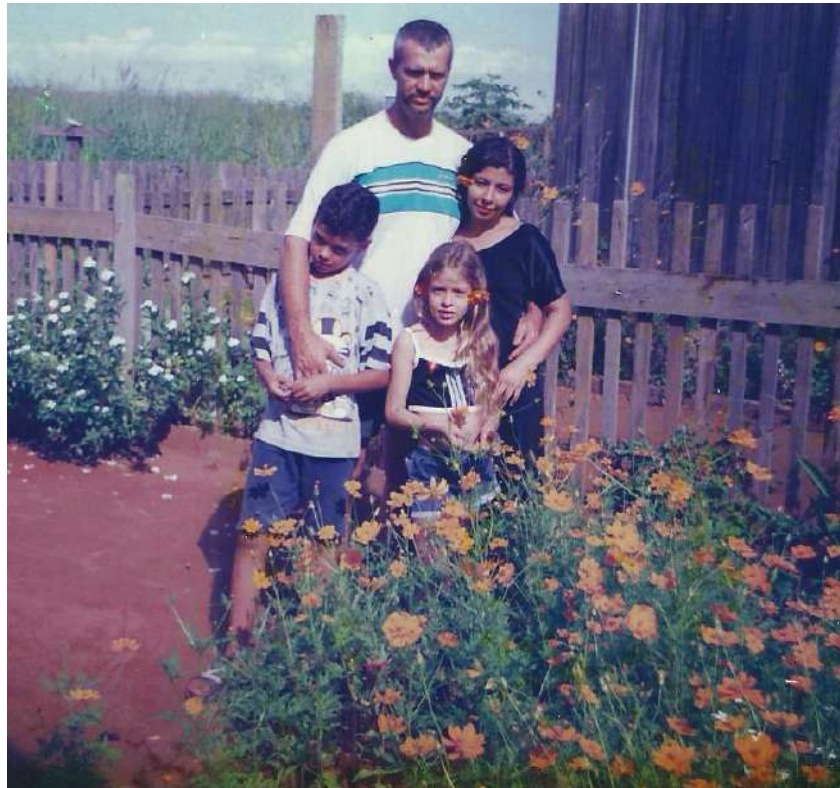


*Da direita p/ esquerda, 3º, Antônio Rabello Hernandes, Quartel Foz do Iguaçu.  
Acervo familiar, 1957*



*Antônio Rabello Hernandez trabalhando na roça. Acervo familiar, 1970*

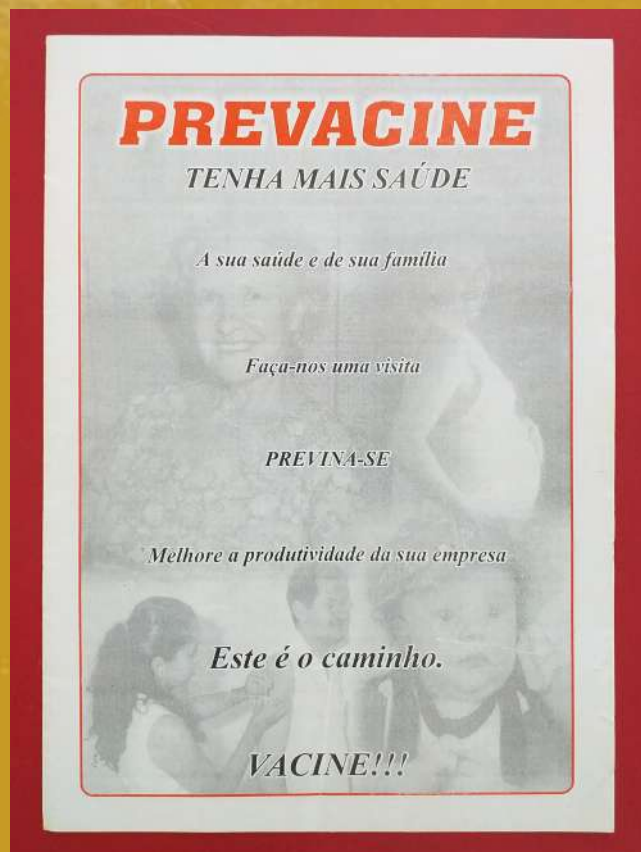




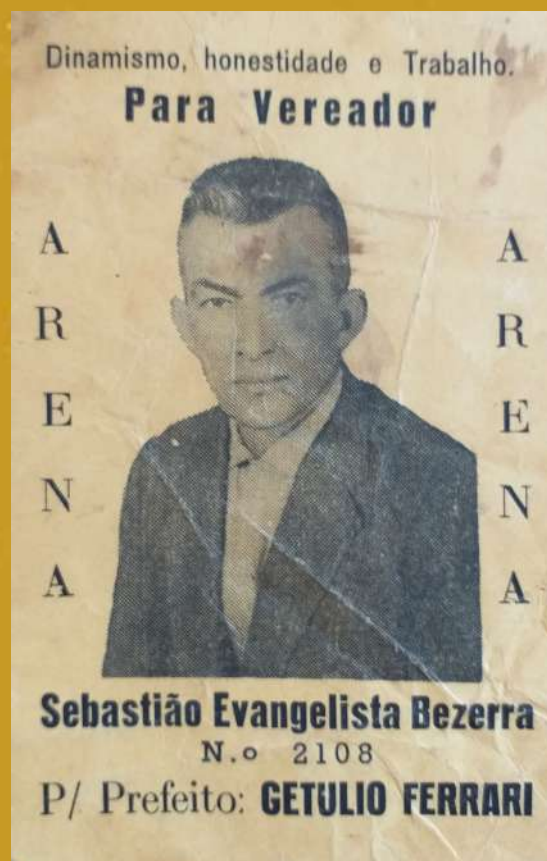
*Filho de Antônio Rabello Hernandes e Mathilde Evangelista Hernandes, Wagner Evangelista Hernandes, esposa Irene Beatriz Pereira Hernandes e filhos Henrique Pereira Evangelista Hernandes e Priscila Pereira Evangelista Hernandes. Acervo familiar, abril de 2002*



*Filha de Antônio Rabello Hernandes e Mathilde Evangelista Hernandes, Rosemari Hernandes Fortes (1962) esposo Aurélio Fortes Neto (1958), filhos Mariana Hernandes Fortes (1984) Geovana Hernandes Fortes (1986) Marco Aurélio Fortes (1988). Acervo familiar, 1989*



*Mathilde Evangelista Hernandes participou da campanha de vacinação em Sinop, Mato Grosso. Acervo familiar, ano de 1995*



*Candidato a Vereador, pai (in memoriam) de Mathilde, em São Pedro do Ivaí no Paraná. Acervo familiar, 1950*



*Colégio Londrinense na Rua Santos. Joaquim Evangelista Bezerra (1946) - irmão de Mathilde Evangelista Hernandes - foi interno no Colégio Londrinense. Acervo familiar, s.d.*



*Proprietário pastor, deputado estadual e Diretor Presidente Zaqueu de Melo e Diretor Técnico Galdino Moreira Filho. Acervo familiar, s.d.*



*“Hoje este prédio não existe mais”...*

*“Há no local uma Revendedora de veículos da Chevrolet – METRONORTE”.*

*“Aqui hoje em dia é uma grande avenida de duas pistas ligando Londrina, Cambé e Ibiporã”.  
Internato Masculino Filadélfia em Londrina. No endereço, atualmente, se localiza uma  
Revendedora de veículos da Chevrolet – METRONORTE. Acervo familiar, 05/09/1959*



*Internato Masculino Filadélfia em Londrina. Acervo familiar, 05/09/1959*



*Internato Masculino Filadélfia em Londrina. Acervo familiar, 05/09/1959*



*Internato Masculino Filadélfia em Londrina. À direita professor Antônio, funcionários e alunos. Com marcação à caneta Joaquim Evangelista e Wilson Medina. Acervo familiar, 05/09/1959*



*“Na piscina, alunos internos” – Internato Masculino Filadélfia em Londrina. Acervo familiar, 05/09/1959*



*Retorno de  
Wilson e Leopoldo (Paiquerê)  
em 16/07/1966*

*“Matando saudades” – Internato Masculino Filadélfia em Londrina. Na foto Wilson Medina e Leopoldo Traudi (morava em Paiquerê – por isso apelido de Paiquerê). Acervo familiar, 16/07/1966*



*Retorno ao Pensionato - Wilson e Lindolfo  
em 16-07-1966 - para matar saudades do tempo  
de adolescentes. Wilson tem em mãos um rádio  
portátil MITSUBISHI -rádio da "moda" na época  
Bons tempos aqueles...*



*Mathilde Evangelista Hernandes e Antônio Rabello Hernandes.  
Foto: Márcia Rejaine Piotto, 2021*



# ALZIRA BUENO DA SILVA GERALDINO SÉRGIO DA SILVA



*Alzira Bueno da Silva (13/11/1935). Acervo familiar, s.d.*

Alzira nasceu no estado de São Paulo, na cidade de Jacanga, no dia 13 de novembro de 1935. Veio para Londrina em 1944, com 9 anos. Esclarece que não teve oportunidade de estudar e seus pais trabalhavam na fazenda Escalone e depois no sítio Santa Terezinha.

Alzira relata que nunca trabalhou na roça, ajudava nos afazeres de casa, pois sua mãe era uma

pessoa muito debilitada, tinha problemas pulmonares.

A família torrava café na própria residência. Ela esclarece o motivo da doença de sua mãe: certa vez, ela saiu na chuva depois de torrar café, esse fato causou-lhe problemas pulmonares. Sua mãe faleceu no hospital em Cambé, cidade próxima a Londrina.

Dentre os trabalhos domésticos incluía-se a lavagem das roupas, que eram realizadas no rio, as quais eram “batidas” numa tábua para que a sujeira fosse eliminada. Lá mesmo, ao entorno do rio, faziam fogo e ferviam as roupas dentro de um tacho quando necessário. O objetivo era clarear as roupas, visto que eram roupas de pessoas que trabalhavam na roça. Alzira comenta que ela ficava no meio do rio e a água era cristalina. No verão ela gostava muito, porém no inverno esse trabalho não era muito agradável, ela não gostava, pois o frio era rigoroso e intenso.

Para a lavagem das roupas sua mãe usava o sabão caseiro, ela mesma produzia, utilizando soda cáustica sólida. Alzira recorda-se que por várias vezes viu cobras, no entanto nunca foi picada por uma delas. Também que havia muitos peixes e que seus irmãos pescavam com “varas de anzóis”.

*“A casa era de parmito barreado com barro.”*

Assim, Alzira explica como era a casa de sua família.

Imbuída de mistérios, relata fatos assombrosos ocorridos algumas vezes envolvendo sua família. Certa vez, muitas pedras caíram sobre eles enquanto labutavam na roça. Não conseguiram decifrar esse caso. Também puxavam os cabelos de sua mãe, mas não havia ninguém por perto. Por esses fatos, entre outros, acreditavam que assombrações habitavam o lugar onde moravam.

Numa dessas vezes, o pai de Alzira foi à venda, porém se esqueceu de comprar querosene, pois usavam lamparina, já que não havia energia elétrica naquela época. Então sua mãe ordenou a ela e sua irmã Teresa que fossem até sua comadre emprestar uma lamparina com querosene. Acataram as ordens da mãe e se dirigiram rumo à estrada. Ao caminharem pela estrada Alzira avistou um cachorrinho branquinho, muito bonitinho, logo apontou para o cachorro chamando a atenção de sua irmã para mostrar o animalzinho a ela.

De repente, o animal não era mais cachorrinho, mas um cachorrão que estava ao lado delas. Mais que depressa, as duas saíram correndo e gritando, com medo, de volta pra casa. Alzira afirma ser um lobisomen! Seu cunhado foi ao encontro delas e também avistou o “tal” bicho mencionado. Na correria, enquanto fugiam do animal, se aproximaram de uma espécie de árvore conhecida como Pau-d’alho, e com isso a “fera” retornou. Alzira explica o motivo da “fera” ter se afastado e sumido da visão deles. O fato é que a espécie de árvore Pau-d’alho tem um aroma semelhante ao do alho, que emana por uma certa distância.

Sobre a água para consumo, eles buscavam na nascente.

*“Mina d’água que nós ia busca lata na cabeça, viu? Cheinha! Pra levá pra dentro de casa.”*

Alzira deixa claro que a água para consumo era apenas água da nascente, não se bebia água do rio.

Em seus relatos, Alzira explica que eles sofreram muito devido às condições do modo de vida que antigamente eles levavam. Quando sua família vivia na roça, certas situações jamais foram esquecidas, como no dia em que sua mãe ficou gravemente enferma, eles tiveram que esperar o ônibus que passava apenas ao entardecer na estrada para levá-la até a cidade. Em virtude das condições precárias do ponto de espera, eles tiveram que forrar um “pano” no chão e ela muito doente ficou esperando por longo tempo. Outra situação muito triste que abalou a família, foi quando sua irmã Teresa ficou acamada durante meses devido ela ter entrado no rio com o corpo quente e

estar no período menstrual. Para tristeza da família, logo faleceu.

*“Minha irmã chamava Teresa, ela trabalhava coiando arrois, e esses tempo do calor e ela veio quente do sol, né! Entrou dentro do rio e ela tava daquele jeito, subiu na cabeça. Nossa! Meu Deus!”*

*“Pra ir buscar médico, meu pai ia de a pé, vinha com o médico.”*

Recorda-se do tempo que frequentava as missas e quermeces, com suas amigas, no Distrito de Warta.

Segundo Alzira, quando se casou ficou morando por um tempo no bairro Vila Nova, nesse tempo teve dois filhos, o “Tonho” e o “Mirto”. Comenta que não havia asfalto no bairro naquela época. Depois de tempos mudaram-se para o bairro Jardim do Sol. O terreno foi dividido ao meio, metade pertencia a ela e a outra à sua cunhada. Neste bairro Alzira teve suas duas filhas, a Romilda e a Vera, também três filhos, o Édson, o Geraldino e o “Nilsinho”. Não havia água encanada, energia elétrica, nem asfalto, isso na década de 1950. Para os banhos, esquentavam água e colocavam num chuveiro de balde. Alzira relata um episódio ocorrido com seu filho “Tonho” no momento do banho, quando o balde de latão caiu sobre a cabeça dele, inclusive machucando.

*“Curou em casa! Até perna quebrada do povo eles curava, eles cortava aqueles bambu, raspava e ponhava na perna, assim, depois tinha faixa de neném, que aquele tempo usava faixa, né!? Depois enfaixava! Curava com isso antes, quebradura que tinha na fazenda!”*

Ressalta que na fazenda havia diversas espécies de ervas medicinais, dentre as que ela usava cita erva-de-santa-maria e rubim.

Atualmente Alzira mora no Jardim São Jorge, desde sua ocupação há quase 30 anos, depois o assentamento virou bairro. A maioria das famílias vivia em barracos, quando chovia e ventava era muito sofrimento para todos. A casa dela era de alvenaria, pois os filhos construíram para acomodá-la bem. Não havia energia elétrica, nem asfalto, muito menos água encanada. Próximo ao assentamento havia uma nascente, então eles buscavam água dessa mina d'água. Era muito trabalhoso, para transportar a água eles buscavam com uma carriola.

Alzira enfatiza que, antigamente, no Jardim São Jorge os altos índices de violência, como assassinatos e roubos, eram frequentes. Segundo Alzira, havia uma morte por dia, todavia, atualmente, as pessoas não são acometidas por violência.

Alzira expõe um “problema” que as pessoas do São Jorge enfrentam, que apesar do tempo transcorrido, neste ano de 2021, a população não tem atendimento de UBS (Unidade Básica de Saúde), não há Posto de Saúde para a comunidade. De acordo com ela, para atendimentos, como consultas, a população tem que se encaminhar até outras UBS, como no Residencial Vista Bela e no Conjunto Parigot de Souza.

Esclarece que trabalhou como doméstica, realizando todos os serviços de uma residência. Outra habilidade dela era fazer coxinhas, as quais faziam sucesso e eram muito saborosas. Seus filhos ajudavam nas vendas. Certa época, Alzira fazia tantas coxinhas para as vendas, que teve problemas no braço. Ela se levantava as 3 horas da manhã, horário em que inicia a preparação das coxinhas.

Recorda-se de plantações de algodão e da mata nativa.

Sobre os animais, cita macacos e cobras. Uma das recordações que Alzira mantém na memória é sobre seu pai caçando codorna e inhambu para a família se alimentar. De acordo com ela, as carnes dessas aves são saborosas.

Naquela época, não havia geladeira para conservar os alimentos, devido a esse fato, Alzira expõe algumas estratégias utilizadas para que eles pudessem manter os alimentos por algum tempo

próprios para o consumo. Quando eles matavam porco, sua família deixava as carnes, depois de fritas, dentro de uma lata imersas em banha do próprio porco e os toucinhos eles salgavam e colocavam dependurados para secarem no sol.

Geraldino Sérgio da Silva, filho de Alzira, conhecido como “Geraldo”, 65 anos, nascido em Londrina, no dia 25 de agosto de 1957, reside no bairro Roseira I há duas décadas.

Estudou na Escola Nilo Peçanha no bairro Vila Nova. Estudou apenas até o terceiro ano. Naquela época não tinha uniforme, também a escola não fornecia lanche. Ele levava sempre pão feito por sua mãe, com manteiga caseira. E para beber levava café com leite.

Recorda-se que brincava na hora do recreio, no pátio da escola, de “bafo”, jogando figurinha, **Jokenpô**, pega-pega. Geraldino não tinha brinquedos, no entanto, quando asfaltaram as ruas do Jardim do Sol ele, com 11, construiu um carrinho de rolimã. Seu tio ajudou a construir esse brinquedo.

Nunca morou em área rural. Seu slogan é: *“Sou pé vermelho, meu coração é vermelho!”*.

Morou na Rua Saturno, no Jardim do Sol, onde nasceu. Primeiramente as ruas eram de barro, sem asfalto, tinha poucas casas. Quem morava perto eram os parentes, inclusive o irmão de seu pai. Na região havia loteamento, os postes eram de madeira de eucalipto. As casas eram de madeira de peroba e as cercas eram de balaústre ou arame farpado.

Nas redondezas não havia mais mata nativa. Também não havia animais selvagens. Tinha a linha de trem que passava dividindo o Bairro Jardim do Sol e Shangri-lá. Geraldino recorda-se que o trem passava pela manhã indo para Maringá, depois rumo a São Paulo. Depois vinha de Maringá rumo a São Paulo.

Na sua infância e adolescência seus pais faziam coxinhas para vender à comunidade londrinense.

Esclarece que no início de sua infância usava-se lamparina em sua residência, foi até os 7 anos. De acordo com Geraldino, quando ele era criança, na década de 1960, Londrina tinha pouco prédios.

Recorda-se do Bosque Municipal Marechal Cândido Rondon no centro de Londrina, pois Geraldino descia a Rua Senador Souza Naves para vender as coxinhas que sua família fazia, dessa forma, passava pelo bosque, mas não havia passagem por dentro. O Fórum e a Prefeitura eram em frente ao bosque, onde é atualmente a Biblioteca Pública Municipal Pedro Viriato Parigot de Souza. Geraldino vendia em frente à Santa Casa as coxinhas, a qual era bem menor, seu irmão Antônio vendia em frente ao Hospital Evangélico, e o outro irmão Milton vendia em frente ao Hospital Universitário – HU. O HU era onde é atualmente a COHAB, na Rua Pernambuco. Vendiam em média 300 coxinhas ao dia. Isso por volta dos 13 aos 15 anos.

Geraldino relata que onde é [2021] o aterro na Rua Airton Sena com a Maringá, havia várias represas, nas quais Geraldino pescava nos seus 11, 12 anos junto aos seus colegas. O rio que passava era o Cambezinho. Pegavam traíra, carazinho, tilapinha, lambari e tambiú. Também pescavam no atual Lago Igapó, onde não havia benfeitorias, era matagal e trilhas. Havia a “bucharia” (frigorífico), onde matavam porcos, por esse fato os peixes eram abundantes, pois os resíduos dos porcos eram jogados no Lago Igapó. A molecada se divertia e pescava muito, inclusive os peixinhos saltitavam fora da água pela grande quantidade que havia no lago.

No seu tempo de adolescência, aos domingos ele e seus colegas lavavam os carros na barragem e ganhavam uns troquinhos. Muitas pessoas frequentavam a barragem para lavar os seus carros, era normal. Fazia fila aos sábados e domingos. Para retornarem aos seus bairros pegavam a jardineira, como era chamada.

Em meados dos anos 70 Geraldino e seus colegas atravessavam nadando o Lago Igapó, na

parte que é conhecida como o “Braço do Alemão”, para pegarem poncãs.

Também havia um prédio onde era internato ou pensionato de descendentes de alemães, na Avenida Brasília, inclusive era uma pista só. Ele e seus colegas, crianças e adolescentes, se divertiam pegando caqui, e se deliciavam comendo a fruta.

De vez em quando, frequentavam o sítio de um “japonês”, pois havia uma plantação de uvas Itália e Paulistinha. O senhor “japonês” ficava de plantão vigiando as parreiras. Certa vez, numa tempestade caiu uma árvore da espécie eucalipto, formando uma pinguela no Rio Quati, oportunizando eles, a molecada, adentrarem no sítio para pegar as uvas livremente. Eles encheram as sacolas de uvas. Numa dessas vezes Geraldino levou dois tiros de sal na “bunda”, e ainda levou uma surra de seus pais por ter “pegado” as uvas.

Outra travessura de Geraldino aconteceu na chácara chamada Fazendinha. Para chegar deveria ir descendo a Avenida Rio Branco, indo pela Winston Churchill, onde se localizava a Fazendinha à esquerda, pois do lado direito tinha o sítio chamado Abacateiro. Havia festas de casamentos aos finais de semana. Geraldino frequentava essas festas de “bicão” e pedia aos garçons carnes assadas, as quais levava para casa e mentia aos pais que havia ganhado.

Geraldino revela outra traquinagem: onde hoje é a garagem da Aviação Ouro Branco havia um bananal, chamado pela molecada de “Bananal do Guida”, eles pegavam cachos de bananas sem autorização do proprietário, escondido. A molecada pegava esses cachos e colocava embaixo dos pés de café para que após alguns dias os mesmos madurassem e, dessa forma, pudessem desfrutar.

Geraldino confessa que era “peralta”, e revela outra situação: quando criança, seu primo e também um colega, pegavam indevidamente galinha e galo de seu tio Zilo, irmão do seu pai Geraldo. Seu tio criava os galos índios para brigarem. A molecada pensava, já que iria morrer, então eles comiam antes de sofrer nas brigas.

Geraldino recorda-se de uma vez ter viajado para São Paulo de trem, quando tinha 19 anos, foi sozinho a trabalho para Osasco, como pintor através da Construtora Cury. Foram em 8 pessoas, Geraldino era ajudante de pintor. Ficou 6 meses pintando um *Shopping*, e depois retornou para Londrina.

Em Londrina, um episódio o marcou para sempre, está em sua memória quando era pintor. Certo dia, quando estava pintando o Centro Comercial, naquela época com 24 anos, presenciou uma tragédia de morte. Uma mulher despencou do décimo segundo andar do prédio Júlio Fuganti. Está vivo em sua memória, como se fosse hoje, houve um alvoroço, muitas pessoas foram ver a tragédia.

Comenta sobre a geada dos anos 70, que acabou com os cafezais do Norte do Paraná.

Quando tinha 23 anos comprou à prestação um Simca Chambord vermelho por fora, teto branco, estofados vermelhos e o painel branco, e o câmbio era no volante. Depois vendeu esse e comprou um Dodge Dart, infelizmente acidentou-se e deu perda total.

Apaixonado por carros, recorda-se de muitos: havia muitos carros em Londrina desde que se recorda na década 70, Vemaguet DKW, Willys Gordini, Simca Chambord, Kombi, Rural Willys Pick-Up Ford, Fusca, Jeep Willys 1951, os “rabos de peixe”, Landau, Opala, Charanga, Maverick, Dodge Dart e Polara, Ford Galaxy, Chevrolet C 10, Mustang, Karmann-ghia, Fiat 147, Volkswagen TL, Volkswagen Variant, Brasília, Alfa Romeo 2300, Passat, Chevette, Belina, Gurgel, Buggy, Puma.

Aos 22 anos Geraldino trabalhou com recapeamento asfáltico, tampando os buracos nas ruas de Londrina, pois eram de paralelepípedo: Souza Naves, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro.

A empresa responsável era a PAVILON, usina de asfalto. A PAVILON se localizava onde é hoje o Corpo de Bombeiros na Rua Tietê, em frente à Viação Ouro Branco.

Quando Geraldino tinha por volta de seus 26 anos, vendia pães no Jardim Paulista, Jardim Progresso, Vila Recreio, Vila Casoni. Primeiro foi ajudante, depois vendedor de pães. Seu Genésio e sua esposa Joaninha eram proprietários da Padaria Nossa Senhora da Aparecida, na Rua Via Láctea, Jardim do Sol. Seus chefes deram a ele um cavalo e um carrinho de padeiro, também uma linha, que significa alguns bairros para que pudesse vender. Havia um sininho no pescoço do cavalo para avisar a chegada, também uma buzina.

Com esse trabalho ele comprou 11 cavalos.

Quando estava em construção os Cinco Conjuntos, Geraldino mais um colega, apelidado de Laranja, chamado Sérgio, vendiam pães doces aos construtores das obras das casas populares. Por algum tempo eram apenas eles que vendiam pães doces, “sodinha” e guaraná.

Também comprou 2 charretes. Geraldino passeava com sua namorada, inclusive foi em muitas festas e casamentos. Sua charrete era coberta e muita linda, vermelha e branca. Isso por volta dos seus 33 anos.

Geraldino foi jogador profissional de futebol na Segunda Divisão Paranaense Mandaguari, na década de 80. Casou-se e teve 4 filhos.

Revela que onde se localiza atualmente o Conjunto Ruy Virmond Carnascialli, havia na década de 70 um lixão. Da mesma forma, na atual Avenida Inglaterra, onde hoje se localiza o Conjunto Jurumenha, havia um lixão.



*Alzira Bueno da Silva. Foto: Márcia Rejaine Piotto, 2021*



*Alzira Bueno da Silva e seu neto. Acervo familiar, s.d.*



*Alzira Bueno da Silva na igreja. Acervo familiar, s.d.*



*O primeiro agachado da esquerda para a direita, Geraldino Sérgio da Silva e seu irmão ao seu lado, filhos de Alzira Bueno da Silva. Acervo familiar, s.d.*



# **ANTÔNIO RIBEIRO DA FONSECA CLEUZA MARIA PIERI FONSECA**



*Antônio Ribeiro da Fonseca e Cleuza Maria Pieri Fonseca. Acervo familiar, 2021*

Esbaldando vitalidade, Antônio Ribeiro da Fonseca, nascido em 27 de outubro de 1932, aos 90 anos me recebeu em sua confortável residência, acompanhado de sua amável esposa Cleuza Maria Pieri Fonseca, nascida em 26 de junho de 1938, aos 84 anos.

Vieram ao norte do Paraná, para o “Eldorado do Café”.

A família de Antônio veio de Minas Gerais. Desembarcaram na Estação Ferroviária de Londrina em 1945. Recorda-se de ter “subido” a Avenida São Paulo, pois as famílias deveriam encontrar um lugar para se instalarem. Sua família, pais e irmãos, foi para a Pensão Santa Terezinha, ao lado de outra pensão que se chamava Patriota, próximo à Avenida Paraná.

Com muita lucidez e energia, Antônio comenta que Londrina não tinha um metro sequer de asfalto, era uma imensa Vila. Não havia o conforto que proporciona na atualidade, a infraestrutura.

Segundo Antônio, os “mineiros” que vinham de Minas Gerais eram da zona rural. Eles tinham que encontrar um trabalho. Seu pai, José, foi trabalhar em uma firma que se chamava “SIAM BRASSELVA”, localizada onde atualmente está a Viação Garcia. Essa firma pegava madeira, inclusive madeira de lei, beneficiava e enviava para São Paulo. Essa era a incumbência da SIAM – Seleção Industrial de Artefatos e Madeira.

Antônio trabalhou como jornalista. Relata que os jornais chegavam em Londrina de trem, pois vinham de São Paulo. Eles tinham que ir à Estação Ferroviária para pegar os jornais, depois distribuía para os assinantes da cidade, que eram muitos. Outros trabalhos como engraxate, *office boy*, e em diversos cargos que, como garoto, poderia trabalhar.

De acordo com Antônio, naquela época as ruas de terra não eram apenas em Londrina, não havia asfalto em nenhum lugar na região Norte do Paraná.

A Estação Rodoviária se localizava onde é atualmente a Concha Acústica, próximo aos Correios. Antônio tem boas lembranças desse tempo, comenta que permanecia até as 22 horas esperando os ônibus chegarem de Marília, Presidente Prudente, entre outras cidades grandes. Ele observava se havia bagagens em cima dos ônibus. Quando ele percebia o maleiro grande carregado ficava muito feliz, pois ele levava as bagagens dos passageiros para os hotéis e pensões. Quando finalizava o trabalho, os passageiros lhes davam uns trocados.

Ao longo de sua vida foi crescendo, evoluindo, depois de *office boy* foi trabalhar em uma companhia de gasolina, chamava-se Companhia Brasileira de Petróleo Gulf, pois naquela época, segundo Antônio, o petróleo era importado dos Estados Unidos. Por esse fato havia as distribuidoras chamadas Texaco, Atlantic, Gulf, Esso e Shell no Brasil. Esses combustíveis chegavam em vagões-tanques de trem. Cada depósito de gasolina que existia em Londrina tinha um terminal ferroviário, onde os vagões chegavam para a descarga, na sequência eram colocados em caminhões e, por conseguinte, distribuídos para todo o norte do Paraná. Trabalhou também na Fábrica de Acumuladores Reifor.

Recorda-se que naquela época o trabalho era variado, pois quando era jornalista, ao terminar de entregar os jornais, ele se encaminhava para a Avenida Rio de Janeiro, numa galeria chamada Galeria Marquesini, e iniciava outro turno, que era de engraxate. A Galeria contemplava engraxataria, barbearia, também vendia revistas e bilhetes de loteria. Próximo, logo abaixo, havia o Cine Municipal, depois foi trocado o nome desse cinema, então passou a chamar-se Cine Joia. Comenta que dentre os assinantes dos jornais havia promotores, juízes que residiam na Avenida São Paulo. Cita alguns nomes dos pioneiros que trabalhavam na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, onde atualmente se localiza o Cine Ouro Verde: Luiz Estrella, Geraldo Durães, Raymundo Durães e Mister Thomas. Relata que entregava jornais para essas pessoas e que havia outras também.

Trabalhou com Luís Camargo de *office boy* no Edifício Londrina, onde depois se instalou o Banco Mercantil de São Paulo. Naquela época havia a Associação Comercial, inclusive havia uma estátua de Mercúrio (divindade da Roma Antiga), símbolo da ACIL. Antônio ressalta que essa estátua foi

para a UEL depois retornou para a ACIL, porém em outro lugar, na parte de baixo.

Seus pais se chamavam José Tineiro da Fonseca e Leontina Alexandre, e os irmãos Rosa, Romero, Aparecida e Lourdes. Recorda-se que sua família foi acolhida por um senhor chamado Luís, que residia na Rua Mato Grosso. Esta pessoa ajudou seu pai a trabalhar na firma que se chamava “SIAM BRASSELVA”, inclusive aposentou-se nesta firma.

Quando chegou a Londrina, em 1945, Antônio tinha 13 anos. Comovido, diz que a melhor fase de sua vida foi a década de 1950, auge da juventude. Passeava na Avenida Paraná, curtia as manhãs de domingo depois da missa, curtia a tarde, e depois o Cine Ouro Verde com os colegas. Antônio gargalha e revela que naquela época havia muitos cinemas em Londrina, Cine Joia, Cine Avenida, Cine Londrina, Cine Ouro Verde, Cine Augustus e Cine Vila Rica. Por esse fato, havia muitas programações, poderiam escolher. Como estratégia para ganhar a entrada livre, Antônio pegava as “tabuletas”, informações sobre quais filmes seriam exibidos na cidade para os londrinenses.

Antônio é enfático em revelar que foram tempos felizes, maravilhosos, jamais esquecidos. Conheceu muitas pessoas boas e teve um ótimo relacionamento com elas.

O auge de sua juventude foi no Grêmio Literário e Recreativo Londrinense, que estava situado no edifício da Associação Comercial. O Presidente do Grêmio era Juvenal Pietraroia. Os melhores bailes eram realizados neste local, inclusive, dentre os programas das festividades do Jubileu de Prata (*festejou em 1959 os vinte e cinco anos de Londrina – 1934 a 1959*), foi realizado o baile no edifício da Associação. Foram homenageados e condecorados os pioneiros de Londrina. Aconteceram homenagens também no Country Club, numa noite memorável aos pioneiros. Outros órgãos se manifestaram em homenagear os pioneiros no Jubileu de Prata de Londrina. Os homenageados receberam, inclusive, uma medalha de prata. Em solenidade alguns casais pioneiros receberam troféus.

Antônio revela que a “Orquestra do Gervásio” foi fundada no Grêmio Literário e Recreativo Londrinense pelo Maestro Gervásio Basílio Nunes, o qual animava e encantava a todos nos bailes.

Da década de 1950 Antônio traz em sua memória mais lembranças, expõe os passeios na Avenida Paraná, conhecido como “*footing*”, e explica como era realizado nas tardes de domingo: os jovens arrumavam-se “chiques” com roupas bonitas, ternos, sapatos lustrosos e lençinho no bolso. Havia o lugar determinado para o “*footing*” acontecer, era do Cine Ouro Verde até a Avenida São Paulo, esclarece que era apenas esse trecho. Ressalta que da Avenida São Paulo até a Rua Pernambuco não se realizava o “*footing*”. Quando chegavam no limite da rua, retornavam e repetiam o mesmo percurso. Os rapazes ficavam encostados nas paredes dos estabelecimentos e as moças ficavam circulando, assim eles ficavam flertando uns com os outros, rapazes e moças. A partir das 20 horas a maioria se dirigia aos cinemas.

Recorda-se de um desses dias, aconteceu um fato inusitado ao sair do cinema. Havia muito barulho, um alvoroço. Em consequência da incrível agitação no local, Antônio questionou qual era o motivo daquela situação a um rapaz que estava próximo a ele. O rapaz explicou que havia “estourado” uma boiada. A boiada subiu a Avenida dos Pioneiros que passava pela Viação Garcia, a qual vinha da estrada de Ibiporã, espalhando-se pela Avenida Paraná, parando próximo às Casas Pernambucanas. Foi um Deus nos acuda, chamaram a polícia, que acabou matando um boi. As pessoas corriam apavoradas. Antônio viu a polícia retirando o boi que estava morto em um caminhão e ressaltou ter sido um momento histórico. Para Antônio, houve muitos momentos históricos, pois a História faz parte da vida.

Antônio comenta que atualmente o modo de vida é bem diferente daquela época. As pessoas que moravam na periferia dirigiam-se para o centro da cidade para se divertir, não havia divisão de bairros. O motivo para ele é que a cidade era pequena e todas as pessoas se conheciam. Atualmente a cidade se espalhou, cresceu, se desenvolveu, então as pessoas se divertem em seus próprios bairros, e, lamentavelmente, o centro da cidade permanece quase deserto. Característica de cidade grande como Londrina. No seu ponto de vista é como se os bairros fossem “pequenas cidades”.

Décadas atrás, havia em Londrina dois clubes que se destacavam, o Grêmio Literário e Recreativo Londrinense e o Londrina Country Club, o qual era mais elitizado, frequentado, em sua maioria, por fazendeiros e cafeicultores. O Londrina Country Club era presidido por três pessoas que se sobressaíam na cidade de Londrina como produtores e fazendeiros: Orlando Mayrink Góes, Nelson Maculan e Anselmo Maculan. O Grêmio Literário e Recreativo Londrinense era frequentado por moças, rapazes, pelos jovens. Apresentava-se mais popular, festivo e alegre.

Em 1959 Antônio já era casado com Cleuza. Ressalta que ama a esposa e a conheceu numa escola de música. Ela estudava piano e ele saxofone. O amor entre eles aconteceu, é feliz com essa união. Ainda que desse amor nasceram os filhos, sua família muito amada. No início viveram de aluguel, depois construíram uma casa. Adquiriram um terreno entre Londrina e Iporã, abrindo um posto de gasolina no local, porém anteriormente havia “*tocado*” alguns anos o Posto de Gasolina dos Motoristas localizado na Avenida Quintino Bocaiuva esquina com a Rua Manaus, em frente o Shopping Quintino. Com esse segmento de trabalho manteve contato com muitos comerciantes, conheceu muitas pessoas. Nesse ínterim, foram nascendo os cinco filhos. A educação foi de acordo com os mandamentos de Deus, com muito carinho e amor. Todos os seus filhos são casados e vivem bem com suas famílias. É grato a Deus pela vida feliz que tem até hoje aos 90 anos.

Depois do casamento, Antônio assumiu diversos compromissos. Juntamente com os amigos de trabalho da fábrica Acumuladores Reifor (contador), com o João Molina, fundaram o Clube dos Radioamadores. Antônio explica que, naquela época, em 1959, para falar com alguém em São Paulo, a pessoa pedia ligação às 22 horas, conseguindo apenas falar no outro dia pela manhã, às 8 horas. Dessa forma, quando surgiu o radioamadorismo foi maravilhoso, pois era só ligar o rádio, chamava geral, então atendia radioamador de qualquer parte do Brasil. Cada cidade do Brasil havia um radioamador, e cada região tinha um código.

Segundo Antônio, era incrível a união entre eles, por isso conheceu muitas pessoas. Depois de algum tempo resolveram fazer uma Convenção em Londrina. A partir da primeira, muitas outras aconteceram. O fato é que não se conheciam, pois o contato era apenas através do rádio. Dessa forma, quando se encontraram pela primeira vez houve muita descontração e brincadeiras. Comenta que o Senhor Hermes Macedo era radioamador também. Nesse primeiro encontro todos passearam pela cidade e foram à Churrascaria Londrina.

Antônio participava também da Associação Cristã de Moços de Londrina. Através de um conhecido que se chamava Paulo Tarcísio de São Paulo, formaram uma filial em Londrina. Compraram uma propriedade do Sr. Celso Garcia Lopes. Havia um salão, galpão grande com piscina, apresentava-se como um local apropriado para a Associação. Construíram 3 quadras de tênis, as quais foram as primeiras quadras de tênis cobertas de Londrina. Os clubes, como o Country, Grêmio e Arel procuravam a Associação para emprestar as quadras em tempos chuvosos. De acordo com Antônio, atualmente a propriedade pertence à UNIFIL.

Outro segmento que Antônio participava era o Sindicato de Comércio Varejista. Recordar-se

que o Senhor Antônio Franco era Presidente. Juntos, incluindo um advogado do Sindicato, foram a Brasília para conseguir que mais cidades participassem do Sindicato de Londrina. Uniram-se a eles mais vinte cidades, foi uma vitória. Antônio relata que pertenceu à diretoria do Grêmio, do Canadá, da Associação Cristã, Associação dos Viajantes, dos radioamadores e outras.

Outra proeza de Antônio foi montar a Associação dos Viajantes, que compunha a Companhia da Viola de Londrina com músicas de raiz. Todas as segundas-feiras se reuniam para jantar e se apresentar. As apresentações tinham a participação de pessoas de toda a região. Menciona que foi Presidente do Lions Clube Igapó. Quando participante da diretoria recorda-se que construíram uma creche, e foi o senhor Dib Abussaf que realizou a construção, inaugurando com o nome do seu filho que era médico e morava em Uraí. A creche se localiza próximo ao aeroporto de Londrina.

Antônio, expressivamente, diz que o tempo passa, cada um segue seu caminho, as “coisas acabam”, que as pessoas vão envelhecendo, e lamentavelmente morrem. Atualmente Antônio vive de lembranças, boas e maravilhosas lembranças, muito feliz junto aos seus familiares.

Muito afável, Cleuza narra um pouco sobre sua vida e de seus antepassados. Comenta que veio para Londrina em 1942, aos 4 anos, com sua família. Vieram de Promissão, cidade situada no estado de São Paulo.

Os avós maternos de Cleuza residiam em Promissão, eram comerciantes, tinham beneficiadora de arroz. Resolveram vender “tudo” e partir para o norte do Paraná, especificamente Londrina, pois era uma cidade que acolheria e prometia os sonhos se realizarem. As pessoas migravam para esta cidade, que estava em seu apogeu.

Segundo Cleuza, primeiro seu avô materno, Santo Menegazzo, veio para Londrina e adquiriu lotes, onde atualmente é a Rua Manaus esquina com a Quintino Bocaiuva. Atualmente, neste local está instalado o Shopping Quintino. O lote se estendia até a Leste Oeste – Avenida Arcebispo Dom Geraldo Fernandes – e na Estação Ferroviária. Nesse lote seu avô construiu a MÁQUINA BRASIL DE CAFÉ.

Quando sua família chegou em Londrina eles foram morar na Rua Belo Horizonte. O endereço da residência de sua família na época era onde se localiza o Restaurante Minato. A casa tinha uma aparência de ser velha, a construção era em madeira. A princípio, nesta casa dormiam as mulheres da família e as crianças. Os homens dormiam no prédio onde estava construindo a MÁQUINA BRASIL DE CAFÉ. Seu avô, Santo deu um lote para cada filho, dessa forma, os filhos foram construindo suas próprias casas.

Mudaram-se para a Rua Manaus quando Cleuza tinha entre 6 e 7 anos. Foi matriculada no Colégio Mãe de Deus. No ano seguinte iniciou seus estudos no Colégio Hugo Simas. Recorda-se que caminhava de seu endereço, Rua Belo Horizonte, até a escola a pé, e que quando chovia tinha que se segurar nos balaústres para não cair, se caísse tinha que retornar para casa, pois usavam uniforme, era guarda-pó branco, sujava de barro.

Depois de alguns anos, quando Cleuza tinha 10 anos, mudaram-se para a Rua Manaus, pois sua família já havia construído a casa própria. Seus avós construíram uma casa na Rua Manaus esquina com a Quintino Bocaiuva. A casa era grande, pois além de seus avós, os filhos solteiros moravam juntos a eles.

Cleuza relata que em 1950 seu avô Santo faleceu, e que depois da morte dele – era ele quem administrava os negócios – e com a “*crise do café*” tiveram muitas dificuldades financeiras, por esse fato cada integrante da família seguiu sua vida.

Sobre os estudos, recorda-se que estudou no Colégio Londrinense. Com a morte de seu avô paterno, sua tia que é dois anos mais velha que ela veio para Londrina e foram estudar no Colégio Vicente Rijo, que tinha como endereço onde atualmente se localiza o Colégio Estadual Marcelino Champagnat. Estudou até o *Ginásio*, depois iniciou os estudos na *Escola Normal (magistério)*, mas decidiu dedicar-se apenas aos estudos de piano. Cleuza enfatiza sua formação em piano e o prazer pela música. Lecionou aulas de piano, também se realizava na arte de bordar, confeccionar roupas e artesanato.

Com mais de 6 décadas de casados, Cleuza fala do amor entre eles e como se conheceram através da música, na Escola de Música Carmem Benassi. Cleuza estudava piano e Antônio saxofone. Ressalta que seus pais eram rigorosos sobre os cuidados com ela, não permitiam que ela ficasse saindo para namorar. Se casaram após dois anos de namoro, Cleusa com 19 anos e Antônio com 24 anos. Relata que sempre trabalhou em seu lar para cuidar da família, e que seu esposo proporcionou o melhor para ela e os filhos. Aos 33 anos Cleuza já tinha 5 filhos. Todos se formaram em nível superior.

Conta que atualmente se reúnem aos domingos, filhos, netos e agregados. Por ordem de nascimento dos filhos Cleuza menciona os seus nomes: Fábio, Maurício, Luciano, Marco Antônio e Cintia. É muito feliz com sua família.



*Maria Liberatori Pieri ao meio com seus filhos, avó paterna de Cleuza Maria Pieri Fonseca.  
Da direita p/ esquerda o primeiro em pé Ludovico Pieri (pai de Cleuza).  
Acervo familiar, década de 1938*



*Rua Belo Horizonte. No quintal, à esquerda sua mãe Laura, ao lado sua tia Palmira.  
As crianças: à esquerda Dário, ao lado Cleuza e primos. Acervo familiar, década de 1942*



*Rua Belo Horizonte, Cleuza e sua mãe Laura Menegazzo. Acervo familiar, década de 1944*



*Residência da família na Rua Belo Horizonte, onde atualmente se localiza o Restaurante Minato. Cleuza e seu irmão Dário. Acervo familiar, década de 1945*





*Fazenda da família. Cleuza Maria Pieri Fonseca, aos 9 anos. Acervo familiar, década de 1947*



*Rua Quintino Bocaiuva. Prédio "MÁQUINA BRASIL" pertencente ao seu avô materno Santo Menegazzo. Local onde atualmente se localiza o Shopping Quintino. Em pé a mãe de Cleuza, Laura e sua irmã Palmira. As crianças: à esquerda Dário (irmão de Cleuza), no meio Cleuza, ao seu lado prima e outros primos. Acervo familiar, década de 1947*



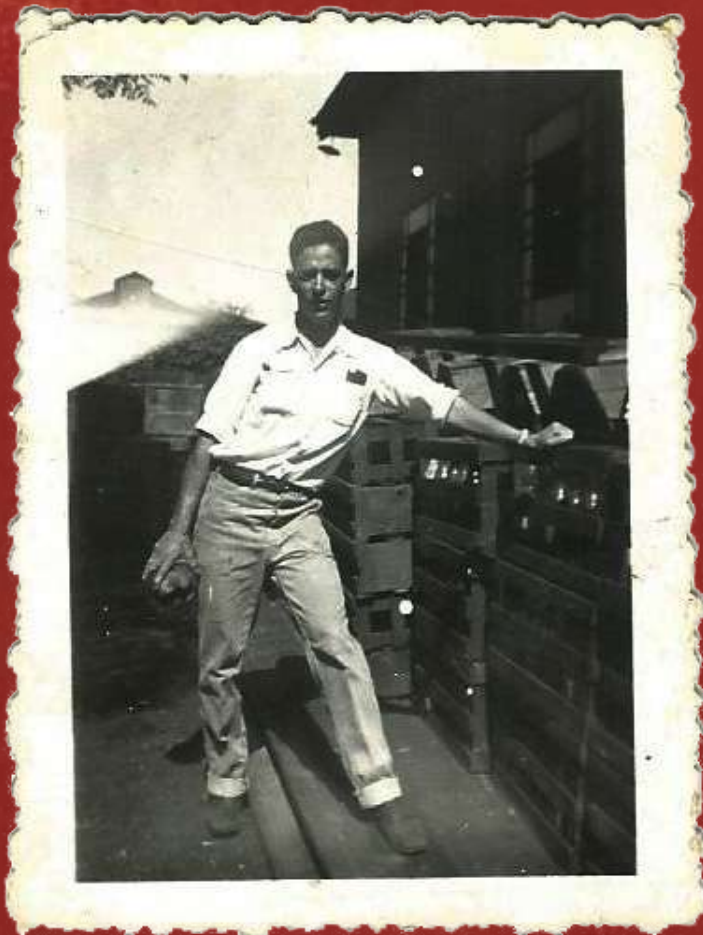
*Ao lado da Praça Marechal Floriano Peixoto, ao fundo o antigo prédio da Catedral. À esquerda Dário (irmão), ao meio Santo Menegazzo (primo) e ao lado Cleuza. Acervo familiar, dia 07 de setembro de 1948*



*Aeronave da Real-Aerovias, pista de chão batido no antigo Aeroporto de Londrina.  
Antônio Ribeiro da Fonseca. Acervo familiar, década de 1949*



*Ribeirão Cafezal, próximo ao antigo Aeroporto de Londrina (Patrimônio do Espírito Santo).  
À direita Antônio Ribeiro da Fonseca e João Martins. Acervo familiar, década de 1949*



*Santa Catarina, Florianópolis, Antônio Ribeiro da Fonseca. Acervo familiar, década de 1950*



*CARNAVAL – desfilando no Corso Carnavalesco – enfileirados diversos carros, cantando, lançando confetes e serpentinas entre eles. Sobre o capô Antônio Ribeiro da Fonseca, na direção do jipe Bertoldo Kersth e como passageiro Carlos Belinetti (juiz muitos anos em Londrina). Acervo familiar, década de 1950*



CAÇANDO NA MATA DOS GODOY – À direita Antônio Ribeiro da Fonseca com o colega Danilo Silvestri (dentista) no carro Mercury. Acervo familiar, década de 1950



*Residência da avó materna de Cleuza, na Rua Quintino Bocaiuva, onde atualmente se encontra o Shopping Quintino. Ludovico e Laura, pais de Cleuza e Dário.  
Acervo familiar, década de 1950*



*Colégio Hugo Simas. Da direita para esquerda, a 4ª é Cleuza com suas colegas.  
Acervo familiar, década de 1950*



*Rua Manaus, residência da família. Laura, mãe de Cleuza, com sua afilhada Sônia. Acervo familiar, década de 1950*





*Na Praça Marechal Floriano Peixoto, Grupo de atiradores do Tiro de Guerra 163, em Londrina. Ao fundo, a antiga Catedral. Da direita para esquerda Antônio Ribeiro da Fonseca é o 4º (agachado). A Sede do Tiro de Guerra localizava-se na Rua Benjamin Constant, ao lado da Estação Ferroviária e Coletoria Estadual (Imposto Estadual) de Londrina. Acervo familiar, década de 1951*



*Na Praça Marechal Floriano Peixoto. Grupo de atiradores do Tiro de Guerra 163, em Londrina. Ao fundo a antiga Catedral. À esquerda Osmar Giavarina, ao meio Antônio Ribeiro da Fonseca, à direita Bertoldo Kersth. Acervo familiar, década de 1951*



*Formatura de Cleuza Maria Pieri Fonseca no Colégio Estadual Vicente Rijo, o qual se localizava onde atualmente é o Colégio Estadual Marcelino Champagnat. Acervo familiar, 15/12/1954*



*Cleuza Maria Pieri Fonseca. Acervo familiar, década de 1956*



*Na Rua Manaus, em sua residência, tocando piano. Em evento, audição.  
Acervo familiar, década de 1957*





*Rua Manaus – enamorados, Antônio e Cleuza. Acervo familiar, década de 1957*



*Antiga Catedral de Londrina – casamento de Antônio Ribeiro da Fonseca e Cleuza Maria Pieri Fonseca. Acervo familiar, década de 1958*



*Rua Manaus, no dia do casamento de Antônio e Cleuza. Na foto, pais de Cleuza, Laura e Ludovico. Acervo familiar, década de 1958*



*“Baile das mães” no Grêmio Literário e Recreativo Londrinense. Sentada, Maria Menegazzo homenageada como “Mãe do Ano do Jubileu de Prata”. Acontecimento social, no qual Maria Menegazzo recebeu, em cerimônia de transferência, a faixa de honra da “Mãe do Ano” de 1958. Avó materna de Cleuza Maria Pieri Fonseca. Da esquerda p/ direita Lino (amigo), Ludovico Pieri e Aydano Medina (genros). Em pé da esquerda p/ direita Ivo Armstrong (genro), Juvenal Pietrarroia e sua esposa (amigos). Acervo familiar, década de 1959.*



*Acidente no cruzamento da Avenida Bandeirantes com a Rua Senador Souza Neves. Furgão Veraneio (marrom) e o carro Ford Canadense (branco) ano 1950, de propriedade da vítima, Antônio. Acervo familiar, década de 1960*





*Grupo de Radioamadores de Londrina. Antônio Ribeiro da Fonseca é o primeiro da esquerda em pé. Alguns nomes dos participantes presentes: Carlos Bude, Dr. Murilo Pacheco, Molina, Antônio Matocanovic, Dalmo Urbano, Manoel Garcia, Aureliano, Werner, Newton Pinto, Newton Moraes, Leonel Campana, Tonho (Bonitinho). Acervo familiar, década de 1960*



*CHURRASCARIA CHOPIM – Da direita para esquerda Antônio (de chapéu) é o terceiro. Colegas do Clube de Radioamadores, em comemoração de elevação da Classe B para a Classe A. Comemorava-se com talco e colocação de uma cartola. Acervo familiar, década de 1960*



*CHURRASCARIA CHOPIM – Antônio com o chapéu e seu colega Aimoré Kley, do Clube de Radioamadores. Acervo familiar, década de 1960*



*Rua Manaus – à direita Romilda Vicentine (mãe de Maria Menegazzo, que é mãe de Laura, a qual é mãe de Cleuza), bisavó de Cleuza. À esquerda, tia Carmem com seu filho Luís Fernando. Acervo familiar, década de 1960*

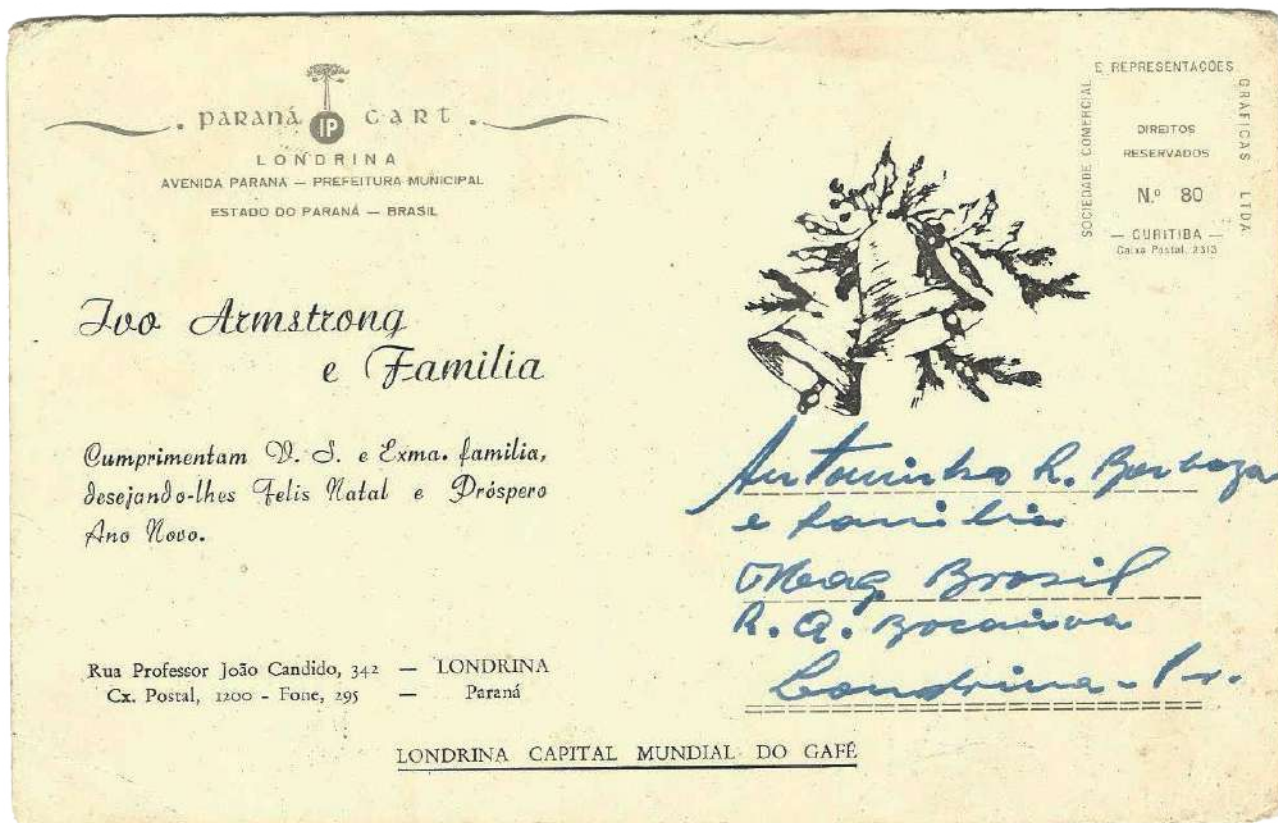


*Passeio em família, Vila Velha, Paraná. Cleuza e filhos, à esquerda Fábio, no colo Luciano e Maurício. Acervo familiar, década de 1960*





Cartão de Natal de Ivo Armstrong e Família. Ivo era Distribuidor de Produtos Farmacêuticos, foi piloto do Aeroclube de Londrina. A esposa de Ivo, Tereza Menegazzo Armstrong, era irmã da mãe de Cleuza Maria Pieri Fonseca, Laura Menegazzo. Acervo familiar, década de 1962





*Em festa de aniversário na Rua Porto Alegre, onde atualmente se localiza o Shopping Quintino. Da direita para esquerda Maurício, Luciano, Fábio (filhos de Antônio e Cleuza) e colegas. Acervo familiar, década de 1969*



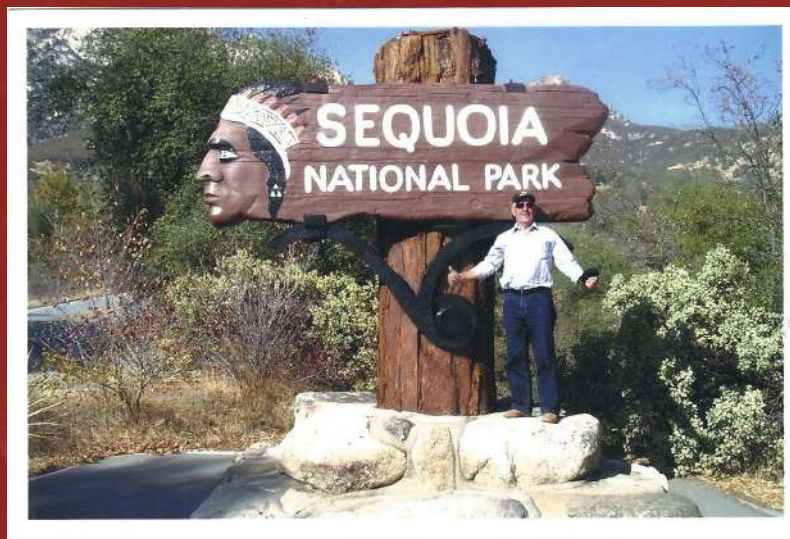
*Clube Canadá – Campeonato de Bolão. À esquerda Cleuza Maria Pieri Fonseca, integrante do Time “Ipê Roxo”, condecorada com medalha de 1º lugar. Acervo familiar, década de 1970*



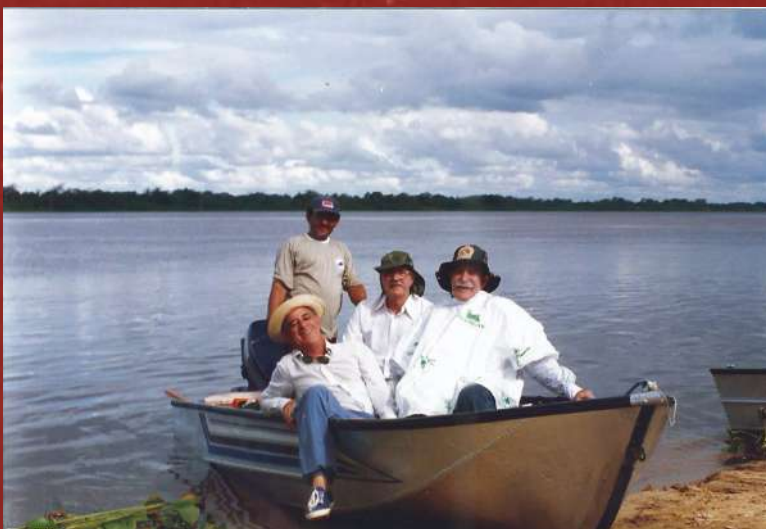
*Lago Igapó – Antônio, esposa Cleuza e filhos, Fábio e Cíntia. Acervo familiar, década de 1975*



*Antônio em pescaria no Pantanal Mato-grossense. Acervo familiar, década de 1980*



*SEQUOIA NATIONAL PARK – Antônio Ribeiro da Fonseca a passeio nos Estados Unidos, Califórnia. Acervo familiar, década de 1990*



*Pescaria no Mato Grosso do Sul, Pantanal. Ao fundo o piloto do barco, ao meio Jesus Berbel, à direita Irineu Codato, à esquerda Antônio. Acervo familiar, década de 2000*



*Comemoração dos 89 anos de Antônio. Ao meio Antônio Ribeiro da Fonseca e Cleuza Maria Pieri Fonseca com os filhos. Da direita para esquerda Marco Antônio, Maurício e Luciano. À esquerda Fábio e Cintia. Acervo familiar, década de 2021*





*Cleuza Maria Pieri Fonseca, integrante do Instituto Benfazer. Acervo familiar, 2022*



*Cleuza Maria Pieri Fonseca, integrante do Clube das "MÃES DA CASINHA".  
Acervo familiar, 2022*



*Comemoração dos 84 anos de Cleuza Maria Pieri Fonseca, ao seu lado, Antônio Ribeiro da Fonseca. Acervo familiar, 06/2022*

Trabalho realizado com a população local, estes ilustres agentes transformadores vêm para agregar ao acervo histórico na preservação da História de Londrina.

Percebe-se que este formato de trabalho com antigos moradores está para corroborar o conhecimento, que se torna possível em ambientes favoráveis como: instituições de ensino, empresas, entre tantos outros estabelecimentos, como também na área rural, pois a história é vasta, repleta de atores, cada qual com memórias únicas, de seus familiares e de seus círculos de amizades.

Sabe-se que estas contribuições trazem e trarão a estas e às futuras gerações informações e conhecimentos sobre épocas longínquas ou mesmo contemporâneas. Visto que, na rememoração, ampliam-se os acontecimentos, fatos vividos tanto pelos próprios narradores quanto por outros habitantes da cidade para a História.

Ressaltando que as memórias destes londrinenses são tão valiosas quanto as de outros memoráveis narradores conhecidos pela História.

Tive o privilégio de executar este trabalho e de presenciar olhos radiantes de emoções dos entrevistados e de seus familiares, ao recordarem “suas vidas”, que são fazedores de Histórias, atores das mesmas, importantes para a cidade de Londrina, e agraciados por esta “tarefa” de contadores.

*Quando se dá voz ao outro, revivemos acontecimentos de pessoas imbuídas de alegrias e de tristezas. Mesmo não estando presentes de fato, os sentimentos e emoções são compartilhados!*

*Márcia Rejaine Piotto - 2021*

## ENTREVISTADOS

**Benedita Antunes de Oliveira** – nascida em 1939, 83 anos; chegou em Londrina em 1954, com 15 anos.

**José Cândido de Oliveira** – nascido em 1936, 86 anos; chegou em Londrina em 1942, com 6 anos.

**Sebastiana Aquino de Oliveira Arruda** – nascida em 1940, 82 anos; chegou em Londrina em 1950, com 10 anos.

**Evany de Souza Silva** – nascida em 1930, 92 anos; chegou em Londrina em 1953, com 23 anos.

**Mathilde Evangelista Hernandes** – nascida em 1942, 80 anos; chegou em Londrina em 1947, com 5 anos.

**Antônio Rabello Hernandes** – nascido em 1937, 85 anos; chegou em Londrina em 1945, com 8 anos.

**Alzira Bueno da Silva** – nascida em 1935, 87 anos; chegou em Londrina em 1944, com 9 anos.

**Geraldino Sérgio da Silva** – nascido em 1957, 65 anos; Londrina.

**Antônio Ribeiro da Fonseca** – nascido em 1932, 90 anos; chegou em Londrina em 1945, com 13 anos.

**Cleuza Maria Pieri Fonseca** – nascida em 1938, 84 anos; chegou em Londrina em 1942, com 4 anos.

## INCERTEZAS

Deixarei meu legado, talvez, um pouco agregado.  
Deixarei meu legado!  
Será segregado?  
Meu legado aos ventos estará?  
De incertezas... digo, certezas!  
Deixarei o corpo que abriga minh'alma!  
Deixarei meus amores!  
Em breve partirei não sei pra onde!  
Estarei cansada e, provavelmente, enferma.  
Talvez esteja um pouco antiga!  
Em breve estarei não sei onde!  
Seguirei meu destino! Apenas seguirei...  
A doce fragrância de minha vida aos poucos se esvai!

Então...  
A doce memória de tantas vidas, *per favore*...  
Salvai, escrevei e guardai!

Adeus a esta vida! O tempo chegará!  
Em breve estarei desintegrando!  
Estou, aos poucos, me decompondo!  
Em breve, apenas lembranças estarei deixando!  
Com a alma branda vou me despedindo,  
Sabendo que nada me apavora, nem as incertezas.  
Ser protagonista, agora é essencial!  
Na verdade, penso...  
Estou desaparecendo para outro sistema habitar.  
Em breve... adeus vida de outrora!  
Adeus vida secular!

Márcia Rejaine Piotto – 2022

# **MÁRCIA REJAINÉ PIOTTO**

## **Professora, escritora e poetisa**



*Selfie, 2021*

**Márcia Rejaine Piotto – nascida em 1966, 56 anos; chegou em Londrina em 1988, com 22 anos.**

### **Formação:**

Pedagogia; Licenciatura em História – em andamento.

### **Especializações:**

Educação Especial; Educação Infantil e Séries Iniciais; Psicopedagogia;  
Gestão e Organização Escolar; Saúde Pública; Etnologia Indígena.

[marciapiotto17@gmail.com](mailto:marciapiotto17@gmail.com)

